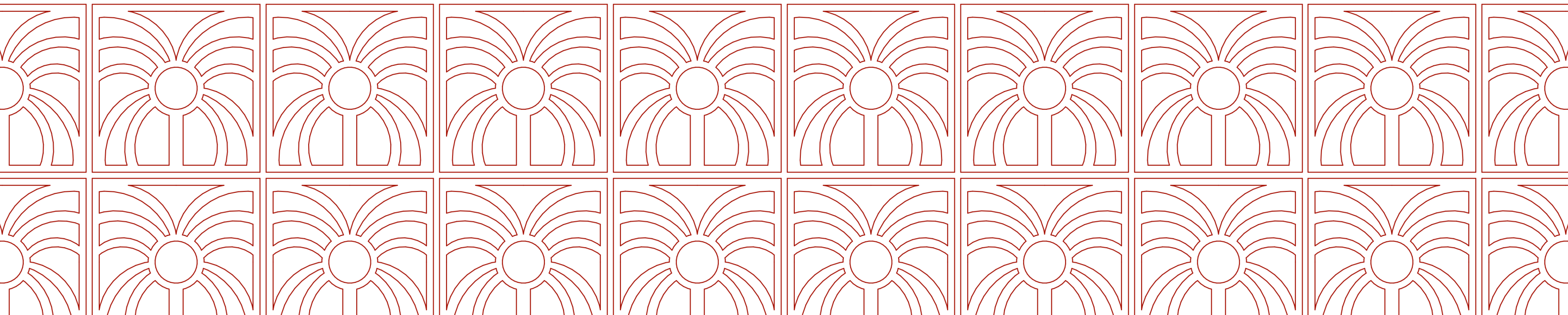


ENTRE MEMÓRIA E MODERNIDADE

A INTERVENÇÃO NO MERCADO PÚBLICO DE LIMOEIRO DO NORTE





UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO E DESIGN
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

ELANE CAVALCANTE DA SILVA

**Entre memória e modernidade: A intervenção
no Mercado Público de Limoeiro do Norte**

FORTALEZA
2026

ELANE CAVALCANTE DA SILVA

Entre memória e modernidade: A intervenção no
Mercado Público de Limoeiro do Norte

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de
Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade
Federal do Ceará, como requisito à obtenção do grau de
Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Renan Cid Varela Leite

FORTALEZA
2026

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

ELANE CAVALCANTE DA SILVA

**Entre memória e modernidade: A intervenção
no Mercado Público de Limoeiro do Norte**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Arquitetura e
Urbanismo da Universidade Federal do Ceará,
como requisito à obtenção do grau de
Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo.

BANCA EXAMINADORA:

Renan Cid Varela Leite

Professor orientador

Márcia Gadelha Cavalcante

Professora convidada

Antônio Custódio dos Santos Neto

Arquiteto convidado

FORTALEZA
2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S579e Silva, Elane Cavalcante da.
Entre memória e modernidade : A intervenção no Mercado Público de Limoeiro do Norte /
Elane Cavalcante da Silva. – 2026.
85 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto
de Arquitetura e Urbanismo e Design, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Fortaleza, 2026.
Orientação: Prof. Dr. Renan Cid Varela Leite.

1. Requalificação. 2. Mercado. 3. Limoeiro do Norte. I. Título.

CDD 720

Agradeço

primeiramente à Deus por me conceder saúde, força e perseverança para superar os desafios ao longo desta jornada acadêmica.

Às minhas mães Evanes e Chaguinha pelo amor, apoio incondicional e incentivo constante, ao longo de toda minha vida, essa conquista é nossa.

Aos meus irmãos, Adyla, Álvaro, Estefane e Heitor pelo apoio, suporte e incentivo nos momentos necessários, cada um a sua maneira.

Ao meu orientador pela paciência, dedicação, ensinamentos e valiosas contribuições que tornaram possível a realização deste trabalho.

Aos meus familiares, pelo carinho, apoio e incentivo constante, fundamentais para que eu chegasse até aqui.

Aos amigos obrigada pela oportunidade de estudar com vocês, dividindo aprendizados, erros, risadas nos dias e nas noites e pela companhia. Estou na torcida por cada um de vocês.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram no meu desenvolvimento pessoal, e sou grata a todos que torcem por mim.

“Um mar calmo nunca fez um marinheiro habilidoso”.

1. PONTO DE PARTIDA

Resumo

Justificativa

Objetivos

Metodologia

2. PARECER GERAL

Contexto geográfico

Origem

O mercado

A praça

3. REFERENCIAL

Teórico

Projetual

4. PARECER PONTUAL

Diagnóstico do entorno

Situação atual

5. INTERVENÇÃO

Projeto

6. DESFECHO

7. BIBLIOGRAFIA

SUMÁRIO

PONTO DE PARTIDA

RESUMO

A paisagem cultural de Limoeiro é marcada pela interação entre as construções históricas e atuais, com a presença da Igreja Matriz, o Mercado Público e a Coluna da Hora, oferecendo uma oportunidade para a requalificação do centro urbano e comercial.

O Mercado Público de Limoeiro do Norte, fundado no século XIX, desempenhou um papel crucial no comércio e no desenvolvimento do município. Com o tempo, no entanto, houveram diversas reformas e intervenções que não levavam em consideração o patrimônio cultural do mercado. Esse processo levou à descaracterização e à ocupação interna descontrolada.

O processo de requalificação visa trazer um novo uso a preexistência do mercado, melhorar a infraestrutura urbana e possibilitar a sua plena utilização, servindo como um fortalecimento da economia local em a transformação do espaço público histórico da cidade num polo artesanal, artístico, turístico, cultural e comercial.

Palavras chaves: Requalificação; Mercado; Limoeiro do Norte;

JUSTIFICATIVA

Ao longo da minha vida, nas idas ao centro da cidade, o mercado sempre era um ponto marcante no meio de tantos outros para a minha mente infantil - não sei se por conta da sua grandiosidade, sua efervescente movimentação de pessoas, os produtos coloridos que ficavam expostos em todas as direções ou a junção de todas as opções.

Voltar a olhar para este edifício depois de crescer foi ver não mais o brilho tão presente e que no local das mercadorias antes tão expressivas, ver os seus problemas estruturais, a sua falta de manutenção e suas lojas cada vez mais vazias.

O seguinte trabalho é a tentativa de reviver na lembrança os tempos áureos do espaço público e do comércio regional, de transpassar para o papel a importância e a imensidade daquela construção na minha vida e na de cada morador que já passou e passa todos os dias em frente e que vê somente o abandono e descuido, restando somente lembrar de como ele já foi. É o esforço de devolver para a cidade todas as vivências que ela me proporcionou e que hoje posso devolver através da minha futura profissão, que com isso, o edifício possa permanecer servindo e encantando a todos que virão. Espaço este usado não somente como um local mercatório, mas também como um ponto de encontro, turístico e histórico da cidade. Serviu, além disso, como fonte de renda a diversos comerciantes do município durante muitos anos, usando-o como seu local de trabalho, até o seu fechamento para o início de obras de restauro que nunca foram iniciadas.

O seguinte trabalho de conclusão de curso terá como objeto de pesquisa um recorte da arquitetura cearense presente no interior do estado do Ceará, nas pequenas cidades que se desenvolveram, tendo como suporte a atividade comercial - mais especificamente, o Mercado de Confecção e Economia Criativa de Limoeiro do Norte, localizado no centro da cidade, sendo um ponto essencial na história e no dia a dia da cidade.

OBJETIVO

GERAL

Desenvolver um anteprojeto arquitetônico do Mercado Público de Limoeiro do Norte levando em consideração sua importância como marco histórico na dinâmica urbana local

ESPECÍFICO

- Compreender o contexto histórico do mercado na história do município;
- Entender os processos de reformas que o edifício já passou;
- Investigar as diretrizes legislativas da cidade de Limoeiro;
- Elaborar o programa de necessidades através do estudo de tipologias semelhantes e visando a resignificação de parte do edifício;
- Valorizar a relação do edifício com a cidade, explorando soluções projetuais que privilegiem a relação com a preexistência e a dinâmica urbana;
- Compreender a dinâmica climática local e adotar estratégias construtivas adequadas para a melhoria das condições microclimáticas do mercado.

METODOLOGIA

A metodologia do seguinte trabalho foi estruturada por quatro etapas: revisão bibliográfica, estudo de referências projetuais, levantamento de dados e desenvolvimento do projeto.

• **Revisão bibliográfica**

A primeira etapa foi a revisão teórica, sendo esta focada em 2 eixos: a importância dos mercados no desenvolvimento das cidades, bem como sua evolução arquitetônica, e o estudo da história do município e de como ela evoluiu.

• **Estudo de caso**

A segunda etapa foi o estudo de referências projetuais para o amadurecimento do seguinte projeto. O estudo seguiu duas frentes: mercados públicos, que tiveram sua importância para a cidade, e projetos contemporâneos que integraram estruturas antigas com novas tecnologias.

• **Levantamento de dados**

A terceira etapa foi o levantamento de informações possíveis da cidade e do mercado, por meio dos órgãos públicos e da internet, indo desde documentação da cidade à fotografias antigas.

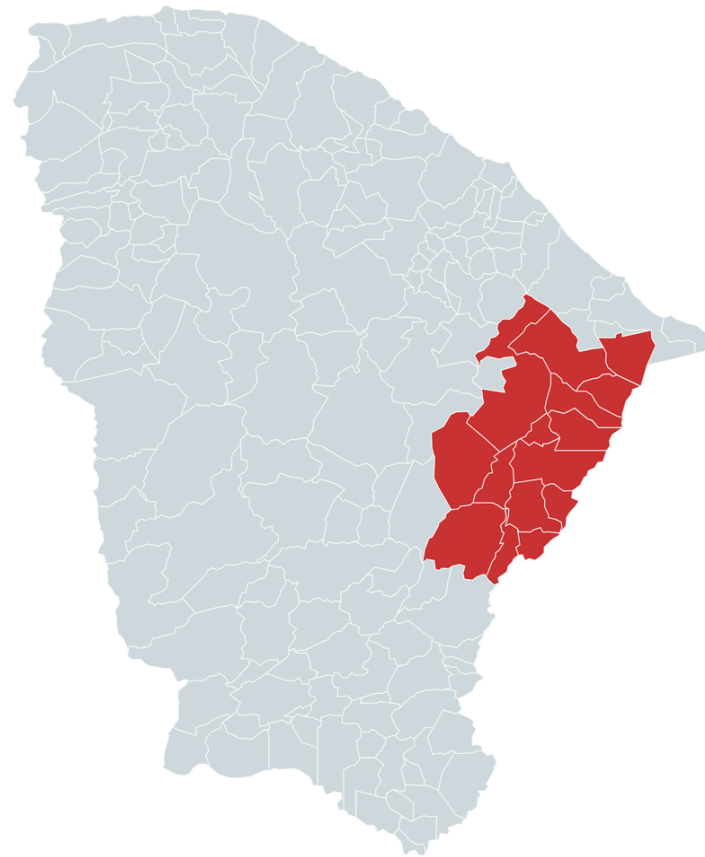
• **Estudo preliminar do projeto**

A última etapa consiste no desenvolvimento de um projeto arquitetônico do mercado, através de informações coletadas ao longo do estudo.

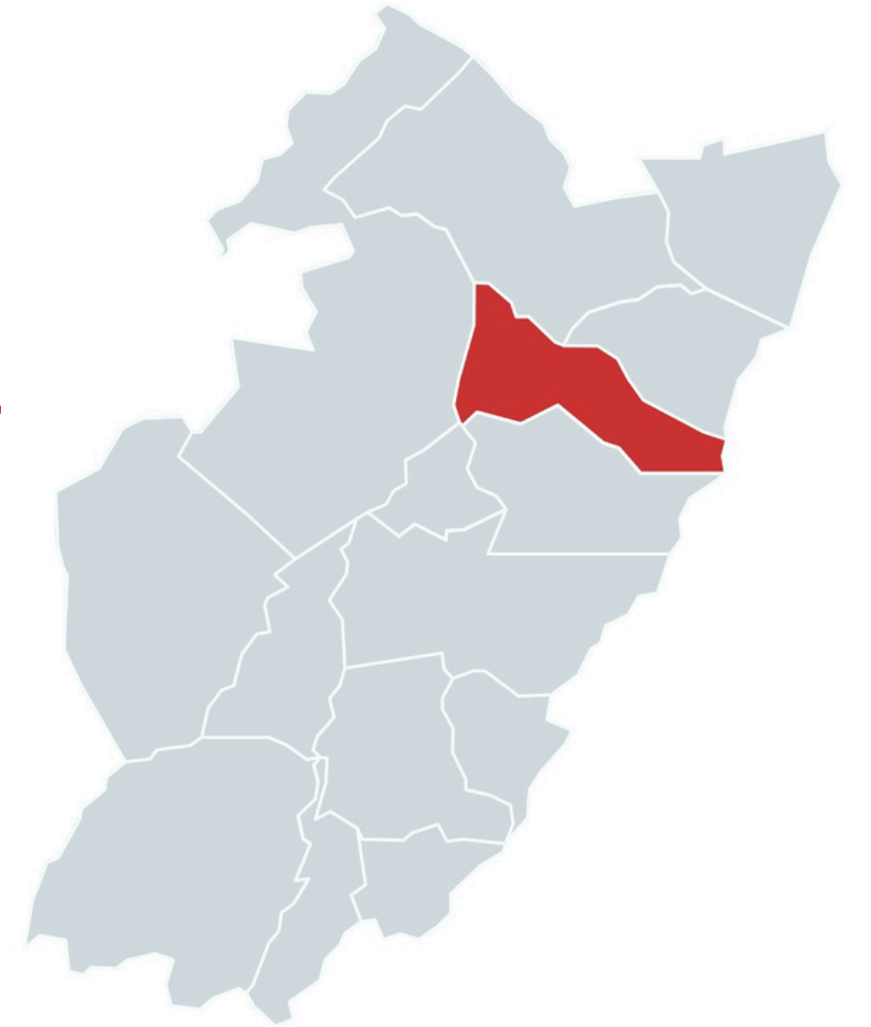
PARECER GERAL



BRASIL



CEARÁ



VALE DO JAGUARIBE

CONTEXTO GEOGRÁFICO

O município de Limoeiro do Norte fica localizado na região Nordeste, no estado do Ceará - mais especificamente, na mesorregião do Jaguaribe, na microrregião do Baixo Jaguaribe, no Vale do Jaguaribe.

O Vale do Jaguaribe, por sua vez, está localizado no centro-leste do estado. Toda a região é banhada pelo Rio Jaguaribe, um dos principais rios cearenses, que dá origem ao nome da região. Esta é composta por 15 municípios, sendo eles: Russas, Jaguaruana, Morada Nova, Limoeiro do Norte, Jaguaribe, Tabuleiro do Norte, Quixeré, Jaguaretama, Alto Santo, Pereiro, Iracema, Jaguaribara, São João do Jaguaribe, Ererê e Potiretama.

O município, também conhecido como “Princesinha do Vale”, ocupa um espaço de 752 km², situado a 70 m de altitude, a 198 km da capital do estado, Fortaleza. Apresenta, de acordo com os dados do IBGE (censo 2022), 59.560 habitantes. Limita-se ao Norte pelos os municípios de Quixeré e Russas; Morada Nova ao oeste; com Tabuleiro do Norte e São João do Jaguaribe ao leste e com o estado do Rio Grande do Norte, no municípios de Apodi e Governador Dix-Sept Rosado, ao leste.

O município é banhado pelos rios Jaguaribe e Banabuiú, que se unem abaixo da cidade, do Jaguaribe se originando um braço, o Riacho Quixeré, que passa rodeando toda a cidade e criando uma ilha fluvial. Esse braço foi aberto pela cheia de 1866, e está tão presente no município quanto o Jaguaribe e com dimensões parecidas.

O relevo do município é, majoritariamente, plano; uma depressão sertaneja, indo desde da planície dos rios até a encosta da Serra do Apodi; as maiores elevações presentes na localidade não ultrapassam os 200 metros de altura. Os solos da região são do tipo aluviais, cambissolos, litossolos, planossolos, solódicos, vertissolos e podzólicos vermelho-amarelo.

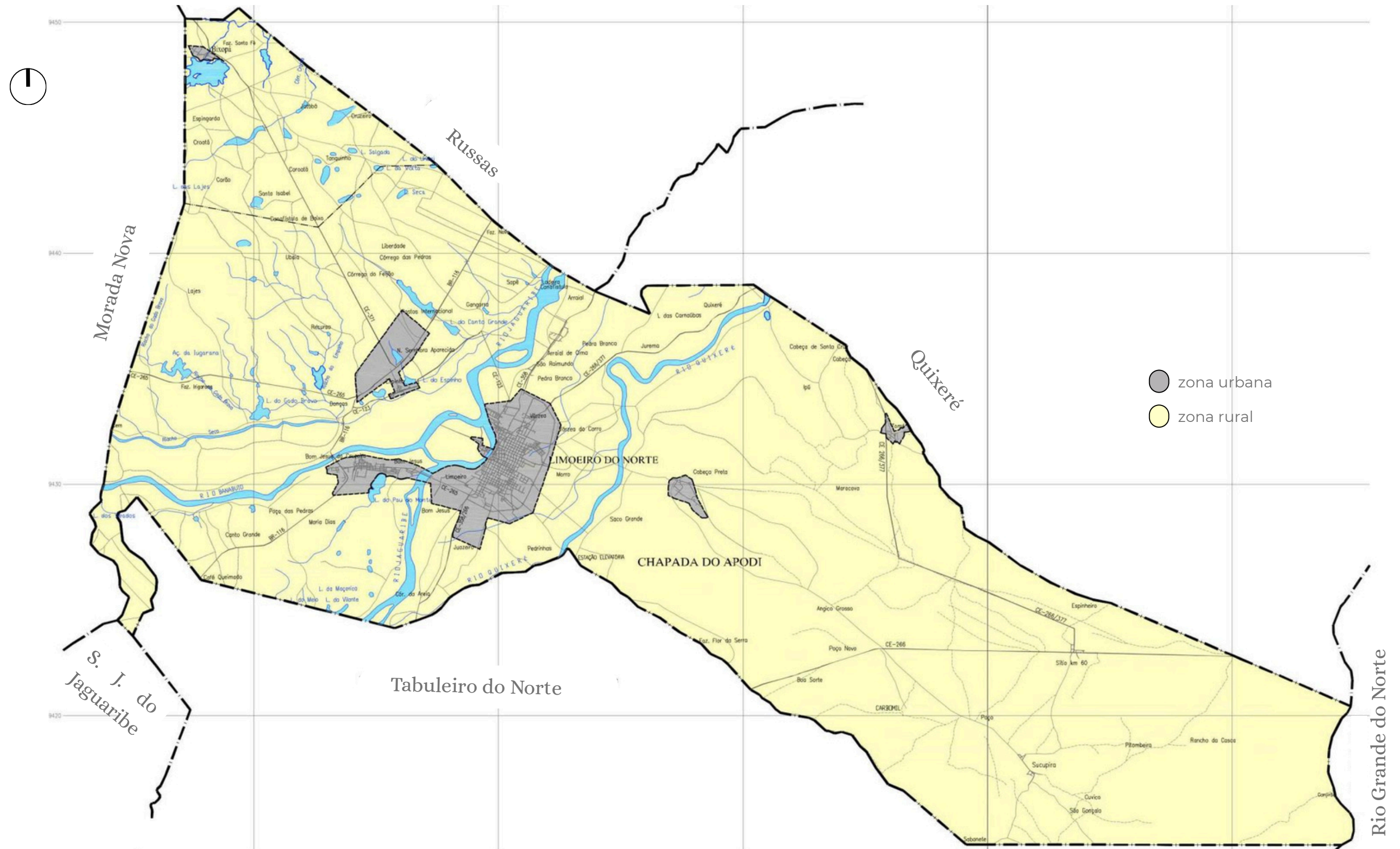
O clima predominante é o tropical quente semiárido, com temperaturas médias variando de 22 °C a 34 °C. A vegetação é a de pequeno porte, do tipo caatinga arbustiva densa; na mata é predominante a carnaúba e a oiticica. As árvores mais comuns são o pereiro, o jucá, a jurema, o pau-branco, a aroeira, a catingueira e o juazeiro, além de variedades de cactos como o mandacaru, o xiquexique, a palma, entre outros.

Nas margens dos rios e riachos, é marcante a presença da oiticica e da carnaubeira, sendo esta a mais abundante, apesar das sucessivas degradações da mata ciliar para plantação. Durante muitos anos a cera da carnaubeira representou a principal fonte de riqueza de Limoeiro do Norte.



Figura 01: Ponte sobre o Rio Jaguaribe : Limoeiro do Norte, CE - [19--]
Fonte: IBGE

Figura 02: Mapa do Município
Fonte: Plano Diretor



ORIGEM

As terras da ilha formada pelos rios Jaguaribe e Banabuiú e pelas suas respectivas margens eram habitadas por diversas etnias Tapuias, entres elas os Paiacu. Diversas excursões vindas de outras regiões do país foram feitas, para o combate e controle da população indígena.

Quem sabe que ainda em 1691, o Mestre de Campo de S. Mathias Cardoso de Almeida, Paulo com sua mandado vir força, por Mathias da Cunha, Governador espaço de Geral do Brasil, para matar índios por sete anos, como o fizeram aos Paiacús, desde o rio das Piranhas, da barra ao baixo Jaguaribe, em terras do Rio Grande e Ceará, e quando se retiravam da campanha por falta de munições, e se recolhiam a Jaguaribe, os mesmos Paiacús feriram o Mestre de Campo, mataram-lhe um filho, e a algumas praças, não pôde acreditar que tão facilmente a casa da 1678, Torre tenha penetrado em 1671 no Cariri. (Bezerra, 1918, p. 19)

Ainda no século XVII, em 1613, a Expedição de Pero Coelho percorreu as terras jaguaribanas, para completar a travessia ao Maranhão, com o objetivo de expandir a colonização portuguesa e impedir invasões estrangeiras. Essa foi uma das primeiras expedições para desbravar o interior do semiárido, pois, nessa época, as expedições se concentravam na área litorânea.

Estes se partiram de Pernambuco o ano de mil seiscentos e sete, no mês de janeiro, com alguns gentios das suas doutrinas, ferramenta, e vestidos com que os ajudou o governador para darem aos bárbaros. Começaram seu caminho por mar, e prosseguiram ao longo da costa 120 léguas para o norte até o rio de Jaguaribe, onde desembarcaram: daí caminharam por terra, e com muito trabalho outras tantas léguas, até os montes de Ibiapana, que será outras tantas aquém do Maranhão, perto dos bárbaros, que buscavam, mas acharam o passo impedido de outros mais bárbaros e cruéis do gentio Tapuia. 45 (Salvador, 1982, p. 297 apud Reges, 2014 p. 35,)

De acordo com Bezerra (1918), pouco se conhecia sobre o povoamento do interior do estado nos anos de 1680 a 1690. Mas, graças ao segundo donatário da sesmaria do Jaguaribe e senhor do Aracati, Teodósio de Grascisman que compra em 1701, do primeiro dono Matias Cardoso de Abreu Soares, [soube-se] que Matias Cardoso já estava, desde o ano de 1683, povoando a Ribeira do Jaguaribe.

O povoamento da região, na atual Limoeiro, se iniciou em 1687, com a vinda do sargento-mor João de Souza Vasconcelos, do Sertão do São Francisco, para a ribeira do Jaguaribe, onde, depois de constantes lutas com os índios Paiacus, se estabeleceu no sítio São João das Vargens. O rio Jaguaribe já tinha se tornado um importante elemento no desenvolvimento da região.

Depois de diversos combates, depois denominados de Guerra dos Bárbaros, em 1696, foi determinado pelo Governador de Pernambuco que Pedro Lelou levasse 50 soldados para a construção da Fortaleza Real de São Francisco Xavier da Ribeira do Jaguaribe, que serviria como apoio na pacificação dos indígenas. Meses depois, o Rei de Portugal envia uma carta de agradecimento ao Governador de Pernambuco, ao saber do aumento do povoamento com a construção do presídio (Bezerra, 1918).

Após deslocamentos dos indígenas das terras, foram implementadas a pecuária, com a construção de currais para a criação de cabeças de gado, e, a partir dessa, importantes atividades econômicas, importantes atividades econômica até os dias atuais no município. Ocasionalmente o desenvolvimento da região, melhoramentos começaram a surgir na região do Baixo Jaguaribe.

A leitura de documentos antigos deixa transparecer que a demarcação das terras de Jaguaribe, iniciada pelo desembargador Cristóvam Soares Reimão, em setembro de 1707, que se supunha entrária pelas concessões da segunda data, deu motivo a que os interessados se apressassem em ocupar os seus terrenos com gados á entrega de vaqueiros, que era a justificação da posse, e logo foi pouco a pouco toda a não extensão ocupada de sítios (Bezerra, 1918, p. 106).

A fazenda de Limoeiro, estabelecida na Ribeira do Jaguaribe, pertencia a família Rodrigues, que comercializava charque, e obtinha diversas oficinas, tornando-se um local de passagem e descanso de homens e animais. Em 1778, a fazenda e a região foram desenvolvendo-se economicamente, por estar localizada no percurso das charqueadas, entre Aracati e Pernambuco.

Essa estabilidade permitiu a construção de uma capela na região, em 1845, e, através da Lei provincial, tornou-se freguesia, em 1865. Tal construção foi um ato institucional, tornando Limoeiro um centro político-religioso.

O povoado de Limoeiro pertencia a vila de São Bernardo de Russas, e, somente na década de 1860, ela é desanexada, se tornando primeiramente freguesia e, depois, vila. Assim, Limoeiro, Tabuleiro, São João do Jaguaribe e parte de Morada Nova constituíam a Vila de Limoeiro.

Foi elevada à categoria de cidade, denominada Limoeiro, pela Lei estadual, em 1897. Por um decreto-lei de 1943, o município de Limoeiro tornou-se Limoeiro do Norte, para distingui-lo de Limoeiro, cidade Pernambucana. Ao longo dos anos, foi sendo desmembrado, com seu território foi dividido em outros municípios, até 1960, onde sua segmentação territorial era basicamente constituída por 2 distritos: Limoeiro e Bixopá, definição geográfica válida atualmente.



Figura 03: Vista panorâmica da cidade : Rua Cel. Malveira; Rio Jaguaribe : Limoeiro do Norte, CE - 1957
Fonte: IBGE

A urbanização da cidade desenvolveu-se como as diversas vilas cearenses ao longo das décadas, a partir da Igreja Matriz, modelo este que partiu dos projetos urbanísticos portugueses, que buscavam a padronização das vilas indígenas no sertão (Jucá, 2007 *apud* Reges, 2014, p. 85).

As habitações e edifícios comerciais criavam um traçado urbano na forma quadricular que circundavam a Matriz, permitindo perceber, através das ornamentações, materiais e dimensões, que era aquela área a parte mais nobre e estimada. As principais ruas no entorno da igreja, essenciais na organização da área urbana, eram: a rua da Matriz, a rua Boa Vista e a Travessa Lucas Carneiro, ligando a Matriz ao Mercado Público.

Lucas Carneiro é uma travessa de ligação da Rua da Matriz ao Mercado. Antes mesmo de sua construção, o espaço onde está implantado o Mercado das Confecções e Economia Criativa - MCEC já era caracterizado pelas relações comerciais, destinado a negociações e trocas.

Segundo Reges (2014, p. 142), a partir da década de 1870, foram decretadas leis pelo Estado Federal proibindo a distribuição de esmolas ou qualquer dinheiro aos pobres, e, em decorrência da seca de 1877-1879, foram criadas comissões de socorro destinadas aos necessitados, em diversas cidades e vilas. Seu objetivo era receber, guardar e distribuir socorros, sendo estes constituídos por alimentos como a carne seca e a farinha, que eram trocados por força de trabalho em obras públicas.

Os pobres eram a principal força de trabalho para as construções urgentes na cidade, que era a Casa da Câmara, de um cais para o rio e da Casa do Mercado. Isso fica claro na carta do vigário de Limoeiro, Joaquim Roiz Meneses Silva, ao presidente da província, Caetano Estellita Cavalcante Pessoa, em maio de 1877.

Entre os meios d'auxilio á classe sofredora, o trabalho – diz V. Ex^a em sua circular – se me affigura o mais profícuo – e assim pede-me que lhe informe qual a obra de mais utilidade. Entre as obras de grande necessidade, bem como: casa da Camara e um caes no rio que nos annos invernosos ameaça engulir esta villa, a casa do mercado me parece a mais útil [...] na quadra actual ao governo tão abismado em dividas (APEC - Correspondência da Comissão de Socorros de Limoeiro. Caixa 16 *apud* Reges, 2014, p. 142).

MERCADO

CONSTRUÇÃO 1877 - 1879

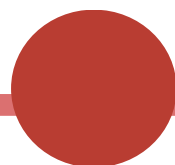
O edifício foi a primeira grande construção pública no período da seca de 1877, com as verbas adquiridas pelo vereador Capitão João Ennes.

Assim como as outras construções desse período, como a Câmara Municipal, o Mercado Público preserva em sua estrutura física os signos da sua construção. A edificação é um marco na arquitetura do município.

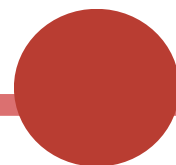
Localizado no centro da cidade, é um exemplo típico da arquitetura utilitária do período, com influências do neoclássico, que conversam com a urbanização colonial local. O mercado foi construído de maneira simples, todo estruturado com alvenaria, priorizando a praticidade, substituindo, assim, a estrutura provisória de madeira, que era utilizada anteriormente.

O mercado, assim, concentrava a atividade de comércio da cidade, já servindo como ponto de encontro entre a população nas grandes feiras que aconteciam aos sábados.

1877



1919



PRIMEIRA REFORMA 1919

No período da gestão do prefeito Júlio Eduardo de Souza, entre 1914 e 1919, foi feita a primeira reforma no edifício. Um dos principais motivos era a grande procura e a necessidade de espaços com o aumento do movimento de pessoas.

Foi nessa obra que o mercado ganhou sua fachada característica, com a simetria das aberturas, sendo todas equidistantes, com a entrada principal de cada fachada mais alta, dando maior destaque.



Figura 04: Mercado Público de Limoeiro, 1922
Fonte: SOUSA, Eusébio de (Org.). Álbum do Jaguaribe.

1947



1985



SEGUNDA REFORMA 1947 - 1950

Em 1947, na gestão de Estevão Remígio de Freitas, o mercado passou por sua segunda reforma. Essa reforma foi bastante importante por transformar o mercado, tanto de maneira visual quanto em sua usabilidade.

Com toda sua fachada preservada, foi construído um telhado de telha portuguesa, feito com o madeiramento de carnaúba, com 5 cumeeiras que continham lanternins no seu topo. As pequenas aberturas permitiam a maior incidência de luz solar e a saída do ar quente, melhorando o conforto térmico do edifício.



Figura 05: Mercado Público
Fonte: Prefeitura de Limoeiro do Norte.

TERCEIRA REFORMA 1985 - 1986

No período da gestão do prefeito Gladstone Bandeira, entre 1982 e 1988, foi feita sua terceira reforma. E foi considerada pela população o início da perda de identidade do importante prédio público.

Foi nessa reforma que o mercado perdeu sua grande cobertura de telhas portuguesas, que já tinha virado um marco para a população, com seus lanternins. Foram retiradas, também, as estruturas de madeira, com suas vigas de maçaranduba e seus grandes pilares que sustentavam a cobertura, sendo mantida somente a fachada. E, no lugar, foi construída uma estrutura para cobertura metálica, retrocedendo, assim, toda a evolução de conforto trazida na reforma anterior.

O mercado público sempre teve uma diversidade de produtos comercializados, indo desde artesanato a grãos. Tornou-se Mercado de Confeção; apesar disso, não se voltou exclusivamente para esse tipo de produto. As lojas no interior do edifício focavam nessa mercadoria, enquanto as lojas maiores, localizadas na fachadas e voltadas para a rua, iam desde variedades a peças de automóveis.

1877

1919

1947

1985



Figura 06: Mercado Público
Fonte: Google Maps

PRAÇA

A praça Capitão João Ennes, que serve como extensão do mercado e foi ocupada pelos comerciantes, perdendo toda sua caracterização de praça, hoje é conhecida como “praça da coluna da hora”. Ela foi inaugurada em 1939, pelo então prefeito Custódio Saraiva, com um obelisco comemorativo à elevação da vila à cidade.



Figura 07: Vista panorâmica da praça
Fonte: Roberto Lima

Em 1958, o vereador Jared Santiago, através de um projeto que tinha como objetivo dar uma nova visão à praça da cidade, propôs a construção da Coluna da Hora, substituindo o obelisco. Após a aprovação de sua construção, o vereador viajou a Juazeiro do Norte e trouxe sob encomenda o relógio de quatro faces, que funciona até os dias de hoje.

Quando ainda funcionava como praça, era um local de encontro entre a população, principalmente nas primeiras horas da noite, para conversas e colocar em dia as leituras de jornais. E, nos momentos festivos de Natal e Ano Novo, lá eram instaladas as bancas de vendas das iguarias natalinas, desde comidas a brinquedos feitos por artesãos locais, enquanto a população, em sua maioria pessoas vindas da zona rural, se aglomeravam ao redor do mercado e da Coluna da Hora para comemorar.



Figura 08: Coluna da Hora
Fonte: Roberto Lima

Na década de 1970, o conjunto formado por mercado, praça, e travessa Lucas Carneiro, que faz a conexão à Praça da Matriz, formavam um complexo comercial: o coração pulsante no centro da cidade. Na praça também funcionava um ponto de táxi e a bomba de gasolina Esso, que fomentavam ainda mais a circulação da população.



Figura 09: Panorama da praça
Fonte: IBGE

O município de Limoeiro é conhecido também como a Terra das Bicicletas. Com base em lei estadual de 2023, a cidade é a "Capital Cearense da Bicicleta". É a cidade-sede da Diocese de Limoeiro do Norte e considerada cidade-polo na região do vale do Jaguaribe. Em razão de suas belezas naturais e seu vanguardismo nas áreas religiosas, educacionais e desportivas, o município também ficou conhecido como a "Princesa do Vale".

É uma cidade repleta de belezas naturais e uma rica cultura. Com paisagens deslumbrantes e uma história vibrante, é um destino atraente para turistas e moradores. Desde as margens do rio Jaguaribe até suas diversas festas culturais, Limoeiro do Norte oferece uma experiência única e autêntica.

ECONOMIA

A economia de Limoeiro do Norte é diversificada, com setores agrícolas, comerciais e de serviços contribuindo para seu crescimento. A cidade é conhecida pela produção de frutas, especialmente bananas e melancias, que são amplamente comercializadas tanto nacional quanto internacionalmente. Durante muitos anos, a cera da carnaúba representou a principal atividade econômica de Limoeiro do Norte.

A agricultura familiar é a espinha dorsal da economia local, com muitos pequenos agricultores dedicando-se ao cultivo sustentável. Além disso, o município tem se esforçado para atrair indústrias, criando um ambiente favorável para investimentos.

Apesar da economia do município ser predominantemente agrícola, a cidade também tem visto um crescimento no comércio e serviços. A dinâmica econômica local é impulsionada pela produção agrícola, que abastece mercados em outras partes do estado e além.

POTENCIAL TURÍSTICO

A cidade é banhada pelo rio Jaguaribe, que não só é uma fonte de vida para a região, mas também um espaço de lazer e turismo. As margens do rio proporcionam momentos agradáveis para os moradores e visitantes, com opções para pesca, caminhadas e piqueniques. Os visitantes podem se surpreender com as belezas naturais, que incluem paisagens de rios, serras e vales. Muitas trilhas e mirantes proporcionam vistas deslumbrantes, e é comum encontrar grupos que organizam caminhadas pela região.

A cidade é marcada por diversas festividades ao longo do ano, que reúnem a população local e os visitantes. O Carnaval, por exemplo, é celebrado com desfiles, danças e músicas que refletem a cultura popular cearense.

Os eventos religiosos também são parte fundamental da vida em Limoeiro do Norte, como as festividades em homenagem a São Gonçalo, onde a fé e a tradição se encontram, consolidando o sentimento de comunidade entre os habitantes.



Figura 10: Vista panorâmica da Barragem das Pedrinhas
Fonte: Google Maps

REFERENCIAL

TEÓRICO

A palavra mercado com origem no latim 'mercatu', significa um lugar dentro da cidade para compra e venda de produtos e mercadorias.

A trajetória da arquitetura dos mercados acompanha a história da cidade, tendo origem já nas primeiras civilizações, como um espaço público, que servia como um local de conexão entre as pessoas, unindo o rural e urbano, de vínculo social e afetivo. Parte desses mercados originários, que se caracterizavam como uma feira livre, se transformaram em uma espaço físico permanente, pela contínua necessidade de suprimentos.

Araújo e Barbosa (2004, p. 2) afirmam que historicamente mercados e feiras “adquiriram uma importância muito grande que ultrapassa seu papel comercial, transformando-se, em muitas sociedades, num entreposto de trocas culturais e de aprendizado, onde pessoas de várias localidades congregavam-se estabelecendo laços de sociabilidade” (Danielli; Mickmillan, 2018, p. 1105).

O mercado, segundo Mumford (1965), na Grécia Antiga, era chamado de “ágora”, um local que tinha como função mais antiga a de servir como ponto de encontro, porém mantendo diversas funções. Era o centro dinâmico das cidades, onde as principais atividades aconteciam, desde as assembleias públicas a festividade.

Em Roma, o *Forum Romanum*, ou *comitium*, era onde se concentrava as atividades da cidade, além de servir, inclusive, para disputas atléticas e gladiatórias. Mas não era somente uma praça aberta; era estruturada com um traçado complexo, que compreendia templos, casas do conselho, prédio da justiça e espaço aberto, circundados com majestosas colunatas (Mumford, 1965, pag. 244).

Ali no Forum Romanum, ficava o centro da vida pública, não apenas da própria Roma, mas do Império [...]. Ali, vastas multidões iam reunir-se para assistir à passagem dos seus chefes militares, em carros de combate, ostentando seus troféus ou seus cativos reais, [...]. A escala monumental e a ordem espacial ali predominavam, tendo apenas aquele toque adicional de vida que os acidentes do tempo e da topografia pudessem introduzir (Mumford, 1965, p. 245).

Segundo Castells (2000), a imagem clássica da centralidade urbana é a posição da cidade medieval, pois esta era dominada pela catedral, e composta pelos prédios da autoridade local, além das praças de mercado - marco indiscutível da centralidade urbana, onde se integravam mercados e mercadorias e instalando-as no centro da urbe, coexistindo junto das funções mais representativas (cívicas, religiosas e comerciais) (LEFEBVRE, 2008, p. 129 *apud* Lopes, 2010, p. 05).

A partir do Renascimento, esses espaços abertos começaram a se transformar em espaços construídos, planejados para a proteção dos comerciantes e dos produtos comercializados. Já no início do século XIX, ocorre o surgimento dos tipos de estabelecimentos comerciais, os mercados fechados. Vargas (2001) caracterizou o mercado como tendo um perímetro fixo, com diversas lojas dispersas no espaço, sem divisões claras entre elas, onde variados produtos eram comercializados (Lopes; Vasconcelos, 2010).

No Brasil, os mercados públicos eram planejados baseado-se nos preceitos europeus, com ajustes para a possível adaptação local. Inicialmente eram também ambientes abertos e, na República, começaram os projetos para a construção de espaços permanentes, planejados para servirem de destaque por meio da arquitetura, para demonstrar o desenvolvimento das cidades. Eram mais do que um simples espaço de comércio, serviam como ponto de encontro de convivência e de preservação cultural local, com diversidade de produtos, indo desde alimentos a produtos artesanais.

Ao longo do tempo, essas construções passaram por diversas requalificações, como tentativa de manutenção da simbologia do espaço, que se adaptam às demandas contemporâneas, tornando essas construções pontos turísticos, com a modernização das instalações e dos usos.

Os mercados continuam representando uma peça essencial na vida urbana, sendo um símbolo de memória e modernidade, que acompanhou a evolução da cidade.

MERCADO PÚBLICO FECHADO

- *com pátio interno aberto*

Em um dos tratados de Jean Nicolas Louis Durand denominado *Recueil et Parallèle des édifices de tout genre, anciens et modernes*, datado de 1822, são apresentados exemplos arquitetônicos para mercados fechados com a tipologia de pátio interno aberto. Alguns mercados antigos da Europa, especialmente os mercados das cidades de Amiens e Florença, utilizaram esse modelo arquitetônico. Estes mercados possuíam plantas simétricas de forma quadrada e retangular, além de terem um pátio interno descoberto composto por um conjunto de arcadas nas laterais, apresentando fachadas em estilo neorromânico. Estes edifícios foram projetados e construídos na primeira metade do século XIX, remetendo a uma tipologia antiga de mercado público, lembrando o átrio romano.

Observa-se que até a primeira metade do século XIX, era bastante difundido na França o tipo clássico de mercado fechado que tem sua origem tipológica na antiguidade clássica, sendo a construção dos Halles centrais de Paris um exemplo. Tratar-se do mercado fechado, retangular, em madeira ou alvenaria, com clerestórios, dispostos ao longo de uma praça quadrada aberta, com um chafariz no meio. Cita como exemplo deste tipo de mercado o da cidade de Nevers, na França, construído em 1825, com projeto do arquiteto M. Poscurreant.

Louis Cloquet, mestre de Ramos de Azevedo, em seu livro *Traité D'Architecture – Éléments de L'Architecture, Types d'édifices – esthétique, composition et pratique de l'architecture*, edição de 1922, faz uma proposta classificatória para os mercados públicos. Apresenta como um dos tipos construtivos para mercados, um mercado fechado, com pátio interno quadrado aberto que abrigaria as lojas (boxes), sendo estas dispostas nos quatro lados e acessível aos veículos.

Este tipo construtivo para mercados públicos foi recorrente para projeto de mercados até meados do século XIX, até a utilização de ferro nas construções e a difusão de um novo tipo de mercado coberto e teve origem na concepção antiga de mercado com átrio envolto por arcadas. No Brasil, este tipo de mercado foi difundido em todo o século XIX, tendo o Mercado da Candelária servido como modelo.

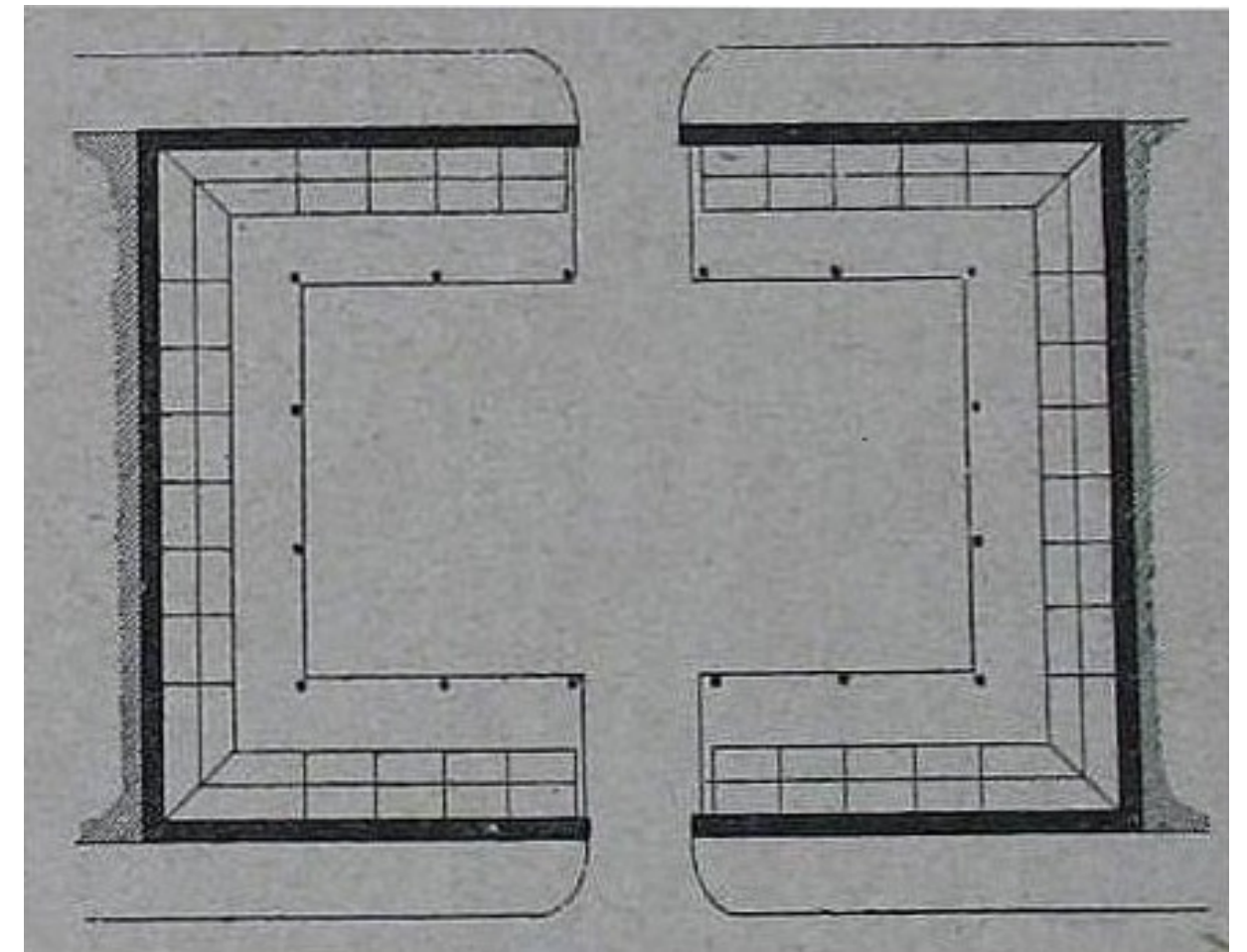


Figura 11: Planta do Mercado tipo com pátio
Fonte: [CLOQUET, L. "Traité D'Architecture".
Paris, Librairie Polytechnique, 1922. p. 200]

MERCADO PÚBLICO FECHADO

- *no Brasil*

Esse tipo de mercado que remete ao antigo átrio romano também teria grande difusão em diversas cidades brasileiras além do Rio de Janeiro, no Mercado da Candelária.



Figura 12: Mercado da Candelária
Fonte: blog Saudades do Rio

Outros exemplos de mercados públicos fechados com pátio interno aberto construídos no século XIX são o Mercado da Carne em Belém, datado de 1867, o Mercado Público de Florianópolis, datado de 1851 e o Mercado Público de Porto Alegre, datado de 1844.



Figura 13: Mercado Público de Florianópolis
Fonte: Vitruvius



Figura 14: Mercado Público de Porto Alegre em 1875
Fonte: Vitruvius

MERCADO COBERTO EM ESTRUTURA DE FERRO DOTADO DE LANTERNIM

- *Na Europa*

Em meados do século XIX houve surgimento de uma nova tipologia para mercados públicos, que está diretamente vinculado às possibilidades do uso do ferro na construção. Os mercados centrais de Paris, principalmente o Les Halles, se constituíram como o modelo na difusão desta nova tipologia.

Os arquitetos nomeados para os trabalhos de ampliação e melhoramentos dos mercados centrais de Paris, em 1845, descreve em algumas aspectos as novas possibilidades. Observaram que a vantagem de utilizar construções em metal se dava quando se podia repetir diversas vezes a mesma forma, como para o caso das indústrias e das estações ferroviárias.

Em meados do século XIX, já se observava na Inglaterra um tipo particular de mercado coberto que utilizava estruturas em ferro e que apresentava algumas vantagens. Um exemplo deste tipo seria o mercado de Birkenhead, próximo de Liverpool. Ele consistia em 3 grandes naves paralelas, limitadas, no exterior, por muros em pedra e tijolo. No interior, apresentava duas sequencias de colunatas que apoiavam a cobertura. Uma característica destes mercados ingleses seria o fato que eles possuíam subsolos para armazenar as mercadorias, o que não era usual no resto da Europa.

Havia na Inglaterra um outro tipo de mercado, também encontrado na França, que possuía um número de boxes fixos, eram cobertos, mas os considerava defeituosos do ponto de vista da aeração. Como exemplo, destaca o mercado de Convent Garden.

Originalmente, o Convent Garden era uma praça construída no século XVII. Em 1830 foi transformada em um novo mercado e no mais importante mercado de frutas e vegetais de Londres. Foi criado um complexo unificado de 3 edifícios paralelos, envoltos por arcadas, conectados nos cantos por blocos destinados a algumas casas de alimentação e lojas especiais. Os cavalos e as carruagens deveriam ocupar os espaços vazios remanescentes da praça.

- *no Brasil*

No Brasil, vamos encontrar diversos exemplos desta tipologia, sendo com sua dimensão proporcional entre a dimensão da cidade e número de pavilhões construídos. Muitas vezes, em pequenas cidades, apenas um pavilhão era suficiente para o abastecimento da mesma. Durante a segunda metade do século XIX e início do XX, foram construídos mercados públicos, similares a um dos pavilhões do grande Les Halles de Paris, tais como o Mercado Público de São José, em Recife (1875) e os pavilhões do Mercado de Peixe, em Belém (1901).



Figura 15: Foto aérea do mercado
Fonte: Google imagens

MERCADO PÚBLICO COBERTO DOTADO DE TORREÕES

Uma outra tipologia de mercado público que se desenvolveu foi a construções que utilizaram o sistema construtivo misto. Esses edifícios utilizavam na construção da alvenaria tijolos de barro maciços com sua estrutura de ferro e madeira. A estrutura da cobertura era feita através da utilização de colunas de ferro, os fechamentos também em alvenaria e a trama estrutural da cobertura era feita por tesouras de madeira.

Uma outra característica dessa tipologia, que chama bastante atenção e compõem o sistema volumétrico da construção era o uso de torreões. Os mesmo eram construídos nas laterais, mais elevados do resto do edifício, destacando-se do resto, seguindo como modelo o Mercado Central de Berlim.



Figura 16: Mercado Central de Berlim em 1896
Fonte: Vitruvius

- *no Brasil*

Baseados nas suas características construtivas e na época em que o mesmo foi construído, o Mercado Central de Berlim serviu de modelo para a construção de alguns mercados públicos em algumas cidades brasileiras, com destaque ao Mercado Municipal de São Paulo, construído já no século XX.



Figura 17: Foto externa do mercado
Fonte: MercadoSPOficial

NO SERTÃO COLONIAL

A arquitetura antiga no Ceará, descrita por Liberal de Castro, é “obviamente utilitária e ecológica e evidencia o seu caráter popular, mesmo nas construções de grande porte” (Castro, 1973 *apud* Duarte, 2009, p. 48).

Os primeiros núcleos de povoamento da capitania eram fazendas que ficavam localizadas nos caminhos feitos pelas boiadas, no século XVII. Como exemplo temos as cidade de Aquiraz, Aracati e Icó. Portanto, o traço rústico das primeiras construções se tornou um marco característico da época e uma das particularidades da arquitetura local.

[...] sob este ângulo é que necessariamente deve ser compreendida e estudada a arquitetura do Ceará antigo: reduzida ao essencial, condicionada às parcas disponibilidades financeiras e sempre erguida com materiais de construção locais, para cujo emprego se descobriram técnicas imprevistas, caracterizadas pelo uso intensivo da carnaúba, da pedra solta nos muros dos currais, do entaipamento sobre cercas de faxina, do couro nas dobradiças e na amarração das madeiras, do tijolo branco de diatomita achatado, ... antitérmico. (Castro, 1973 *apud* Duarte, 2009, p. 49).

A arquitetura das construções cearense é tida com uma arquitetura singela, mestiça, depois classificada como vernácula, presente tanto no sertão quanto no litoral do estado, desenvolvida por meio de improvisações, “onde as aparências são despojadas e másculas, evidencia os resquícios das origens ancestrais advinda do além-mar” (Castro, 1973 *apud* Duarte, 2009, p. 49).

As construções se caracterizavam pelas robustas paredes de alvenaria autoportantes, constituídas de tijolos de barro, com pouquíssimas aberturas e com uma coberta em barro ou madeira, que utilizavam a carnaúba ou a palmeira, encontradas no local. Os materiais conforme esse arranjo, são naturalmente isolantes térmicos e são utilizados até os dias atuais, atendendo os requisitos necessários para o clima semiárido mediante o princípio da inércia térmica. (Duarte, 2009, p. 50).

Assim, a “mêlange” de códigos interpretativos leigos e eruditos (com prevalência dos primeiros, em razão da distância do Ceará para os principais centros da Colônia), muitas vezes empregando tardiamente alguns elementos decorativos “traduzidos numa visão arcaica ou toscamente interpretados”, a resolução de problemas funcionais e estruturais intimamente ligados à sobrevivência como finalidade principal, e a adaptação e transformação equilibradas do meio natural (Castro, 1973 *apud* Duarte, 2009, p. 48).

Esse padrão tecnológico continuou sendo replicado até século XIX, quando são implantados principalmente na capital Fortaleza, que já estava bem estabelecida como capital econômica e comercial, período do surgimento de novas tecnologias e técnicas importadas. (Duarte, 2009, p. 49).

MERCADO DA CARNE DE AQUIRAZ

O Mercado de Carne de Aquiraz foi construído no século XIX e foi um centro comercial da cidade, que impressiona o visitante pela técnica de construção, pelo uso da carnaúba e do tijolo adobe. Sua parte central, conhecida como epicentro, era o local de comercialização da carne. A sua harmonia geométrica da armação do telhado de quatro águas feito em madeiramento de carnaúba de grande efeito plástico, apoiado em coluna central de alvenaria de tijolos. O mercado é um exemplo notável de arquitetura popular com influências da técnica construtiva regional.



Figura 18: Foto externa do mercado
Fonte: Wikipédia

Envolvendo essa construção, há uma outra de formato em “L”, formada por um conjunto de lojas, que abrem diretamente para a rua. Estes antigos pontos comerciais, situados na parte externa, foram durante décadas o coração do comércio da cidade, fato que perdurou até o tombamento do prédio em 1988.

Atualmente, como Mercado da Arte, encontra-se ali instalado uma espécie de "centro cultural", onde funcionam várias oficinas de artes e ofícios, além da biblioteca pública do município e abriga uma ONG de nome Tapera das Artes se encontra instalada no prédio, desenvolvendo ações culturais para a população aquiraense.



Figura 19: Foto externa do mercado
Fonte: Aquiraz Ceará

MERCADO PÚBLICO DE ARACATI

O Mercado Público de Aracati foi construído no século XIX, de 1877 à 1879 e é uma marco na história e arquitetura da cidade. O Mercado é o lugar de memória do intenso intercâmbio comercial do passado, sendo ainda o centro de abastecimento e distribuição do município. Localizado no centro histórico da cidade, o mercado tem influências neoclássicas e é um exemplo da arquitetura utilitária da época.

A construção foi uma resposta à necessidade de modernização das atividades comerciais da cidade e representava o esforço da Câmara Municipal em dotar Aracati de uma infraestrutura mais organizada.



Figura 20: Foto externa do mercado
Fonte: Commons Wikimedia

O mercado foi construído com uma estrutura simples que priorizava a funcionalidade. Caracteriza-se por linhas retas, simetria e uma disposição interna que permitia a circulação eficiente de pessoas e mercadorias. Com seu estilo neoclássico, sem ornamentos, a forma é de um paralelogramo plano, com acesso por todos os lados com duas entradas centrais encimadas com arcos ogivais. Os espaços foram divididos, cada um com funções específicas para diferentes produtos, além de áreas destinadas a comerciantes vindos de fora da cidade. Os regulamentos da época determinavam um rígido controle sobre a utilização desses espaços e a conservação do mercado, que contava com cacimbas e áreas arborizadas para garantir conforto e higiene.

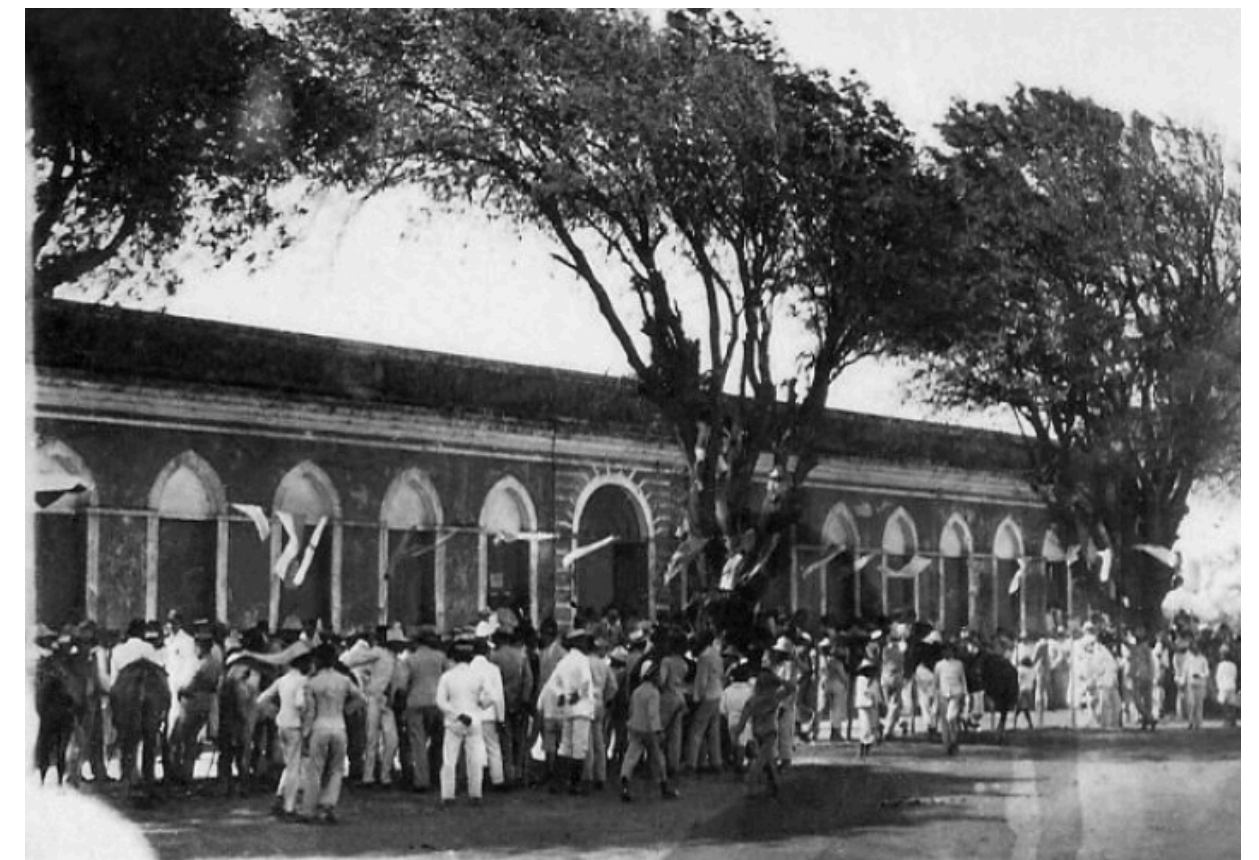


Figura 21: Foto externa do mercado
Fonte: Lua cheia art

MERCADO PÚBLICO DE ICÓ

O mercado público de Icó foi construído no século XIX, em 1875, e integra um conjunto de prédios históricos, da cidade. Este mercado reúne diferentes ofícios e oferece variados produtos. Destaque para os utensílios de couro, na sua maioria artesanais, o que confirma a marca civilizatória do gado bovino nesta região do Ceará. Também, este mercado oferece: peixe, carne, frutas, verduras; e espaço para fazer a “merenda”; ainda, conhecer e comer alguns pratos tradicionais. O mercado é um retrato ampliado da sociedade local.



Figura 22: Foto externa do mercado
Fonte: Gastronomia Social

Como os outros antigos mercados públicos cearenses, ele apresenta um arranjo espacial característico, com a planta quadrada, lojas que conformam o anel periférico externo, comunicadas ao exterior por aberturas encimadas por arcos plenos ou ogivais. No centro das quatro fachadas, as entradas principais, cujos eixos conformam uma cruz. Internamente, uma varanda demarcada por colunata define o pátio central, onde, no mais das vezes, se fazia o comércio da carne.

O método construtivo é a alvenaria portante de tijolos de barro cozidos e as cobertas em telhas cerâmicas e madeiramento em carnaúba, palmeira nativa. É assim nos de Icó e Aracati e, principalmente no de Aquiraz, “uma das obras mais importantes da arquitetura popular do país”, segundo o professor Arq. José Liberal de Castro.



Figura 23: Foto interna do mercado
Fonte: Ico CE

MERCADO PÚBLICO COMO ESPAÇO DE SOCIABILIDADE

Segundo Filgueiras (2006), a vitalidade urbana está diretamente ligada a produção de sociabilidade nos espaços públicos, pois são lugares com vitalidade que “promovem a espontaneidade, a imprevisibilidade e a diversidade do encontro, a heterogeneidade e pluralidade de usos e de frequentadores”. Para ser possível essa vitalidade das ruas e espaços é indispensável a circulação e uso desses lugares, em diversos horários ao longo do dia (Lopes, Vasconcelos, 2010, p. 08).

Já no século XX, observa-se uma crise social urbana, Neste momento configura-se dois ambiente sociais distintos, de um lado a privatização dos espaços tidos como “exclusivos”, como os condomínios fechados, clubes prives, do outro lado, espaços públicos qualificado pela insegurança e medo (Lopes, Vasconcelos, 2010, p. 09). Um exemplo dessa nova dinâmica privativa dos espaços, que surge também na área comercial, é os Shopping centers. Construções sem qualquer apelo arquitetônico, sendo apenas pavilhões voltados para si mesmo.

Os novos métodos atuais de compra e os processos de urbanização impactaram negativamente na vitalidade das cidades, tornando os espaços públicos cada vez mais escassos. Com a redução desses espaços, implica na perda de conversa entre a sociedade, no esquecimento da cultura e história local.

Nos dias atuais, a nova realidade social pode ser identificada, dentre outros processos, na re-significação dos espaços públicos, na privatização dos espaços e na segregação urbana, identificadas na cidade por meio de “enclaves” (Bauman, 2001 *apud* Lopes, 2010, p. 05).

Os mercados se tornaram uma alternativa frente aos “templos de consumo”, se sobressaindo em comparação a impessoalidade das novas construções (Bauman, 2001 *apud* Lopes, Vasconcelos, 2017, p. 11). Originalmente, esses espaços instigam a sociabilidade, onde a conversação precisa ser direta entre os envolvidos, acarretando a sensação de ligação e pertencimento.

A vitalidade urbana produzida pelos mercados públicos é reconhecida pela concentração de atividades comerciais e pela convergência de indivíduos presentes nos lugares onde estes estão inseridos, qualificando os espaços públicos da cidade com a presença de pessoas em diferentes horários do dia (Jacobs, 2000 *apud* Lopes, 2010, p. 11).

A presença dos mercados e espaços públicos, com diversos usos e variedade de atividades, auxilia na construção dessa vitalidade urbana, sendo uma parcela da riqueza e diversidade da qualidade urbana.

A recuperação dos métodos tradicionais dos espaços públicos é feita com a valorização do espaço mercado, por meio de requalificação, reformas e retrofit, permitindo o edificio acompanhar o desenvolvimento do seu entorno, mas sempre lembrando e apreciando o passado e a história (Danielli, Mackmillan, 2018, p. 1115).

Os Mercados Públicos Municipais, em diferentes épocas e locais, participaram e contribuíram para o desenvolvimento das cidades, evoluíram o comércio e difundiram a história e cultura local através do tempo e sociedades.

PROJETUAL

MERCADO DE SANTA CATERINA

Local: Barcelona

Projeto: Enric Miralles e Benedetta Tagliabue

Ano: 2005

Área: 5.500 m²



Figura 24: Foto da cobertura do mercado
Fonte: ArquitecturaViva

Localizado na cidade de Barcelona, na Espanha, o antigo Mercado de Santa Caterina é a integração da sua fachada neoclássica com a coberta e estrutura metálica. A intervenção teve como objetivo a harmonia e diálogo tanto com o entorno histórico, quanto com os edifícios atuais e, além disso, serviu como um espaço de contemplação para os moradores da região, com sua coberta colorida e chamativa.

As bancas, cujo número foi reduzido para ganhar espaço público, concentram-se em uma extremidade do mercado, conseguindo assim uma densidade comercial mais adequada e com isso, permite a abertura de átrios, que viram espaços de convivência para os trabalhadores do edifício, moradores e turistas que visitam o mercado.

Na extremidade voltada para as residências, a pele metálica colorida se estendem além do limite da fachada, criando espaços abertos e aconchegante permitindo o uso da população local como um ponto de encontro.

estratégias utilizadas

A estratégia adotada parte do respeito a implantação da coberta sobre a fachada neoclássica existente. Por conta da coberta ondulada, o mercado se estende para a além das paredes que o delimitam, criando átrios de entrada e espaços públicos escassos no seu entorno. E por conta de sua plasticidade, a estrutura teve que ser criada com variações para ser possível seus grandes vãos e diferenças de altura.

As barracas presentes na parte interna, não tem ligação estrutural com a grande coberta criando bolhas de ar, que ajudam na ventilação e iluminação interna. Os fechamentos entre a coberta e as paredes históricas são feitas com painéis de venezianas de madeira, permitindo a permeabilidade, mesmo sob a grande coberta.

REFERÊNCIAS PROJETUAIS

MERCADO ESTAÇÃO BÁLTICA

Local: Tallinn
Projeto: KOKO Architects
Ano: 2017



Figura 25: Foto externa do mercado
Fonte: Archdaily

O Mercado Estação Báltica está localizado no norte de Tallinn, entre a principal estação ferroviária da cidade e o popular bairro residencial de Kalamaja.

O interior do mercado é distribuído em três pavimentos dentro dos edifícios reconstruídos e entre eles. A parte frontal do telhado foi deixada aberta para abrigar um mercado ao ar livre. Depois do mercado ao ar livre, há quiosques de madeira, designados para pequenas empresas, como padarias, lojas de doces, lojas de especiarias etc.

O objetivo principal do piso térreo do mercado é transmitir agitação. O ambiente desejado é criado através da multiplicação de várias formas de mercado, reunidas no piso térreo. A combinação das diversas funções cria uma maneira totalmente nova de experimentar o Mercado.

O primeiro andar é dedicado principalmente às atividades comerciais de antiguidades, objetos e roupas usadas mas, na nova adição também há espaço para artesanato e itens domésticos. Na parte interna do edifício, foi dada ênfase na exibição da história dos antigos armazéns e a criação de novos detalhes com aparência histórica foi evitada. Na paleta de materiais há tijolos de várias cores e telhas cerâmicas com o tamanho de tijolos. Madeira e metal preto foram usados nas fachadas e nos corrimãos.

estratégias utilizadas

A estratégia de restauração criada valoriza o mercado contemporâneo permitindo sua diversificação, que preserva o caráter histórico do edifício com toda a sua natureza de agitação e tumulto. A intervenção agrega um novo valor ao contexto pré-existente e, atraindo assim o público.

A implantação dos forros altos em madeira que permite abundância de luz natural, criando um ambiente aberto ao longo de todo o andar, e o aproveitamento dessa vistas, a implantação de uma área alimentícia, com um restaurante e uma cervejaria que foram instalados em um terraço exterior aberto ao sol, trazendo esse fluxo para as partes mais extremas do prédio.

A presença da iluminação geral é aconchegante e discreta, mas que possibilita a criação de iluminação especial para produtos e empresas específicos, se necessário, adaptando-se aos usos e produtos que podem ser expostos ao público de diversas maneiras.

REFERÊNCIAS PROJETUAIS

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Local: Bahia
Projeto: Brasil Arquitetura
Ano: 2002
Área: 3.055 m²

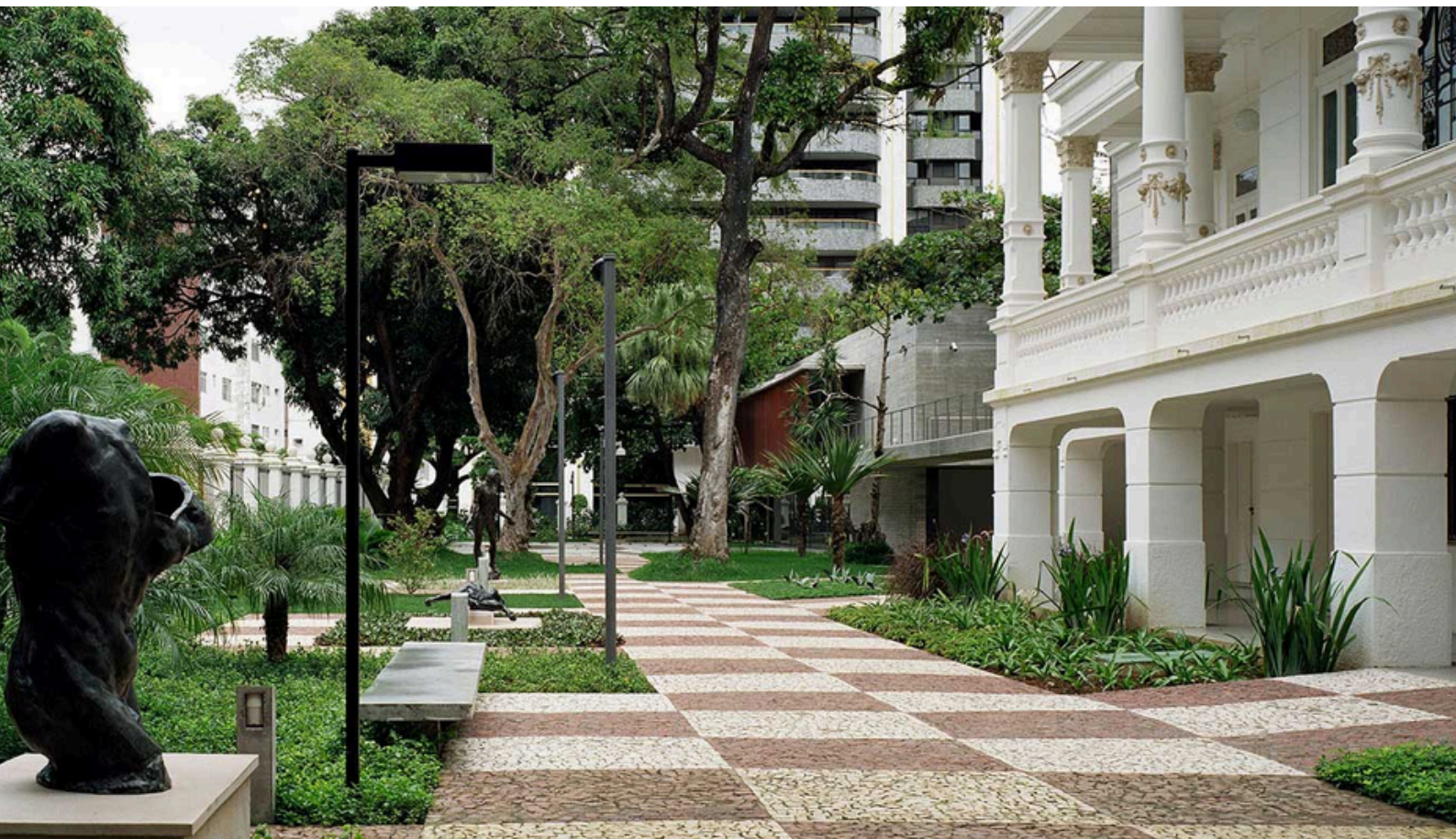


Figura 26: Foto do jardim do museu
Fonte: Archdaily

Projetado para ser uma filial do Museu Rodin, o primeiro fora da França, tinha como requisito que sua instalação fosse num edifício marcante culturalmente na história da cidade e importante para os habitantes.

Tanto o restauro do como as novas intervenções tiveram como objetivo garantir a infraestrutura necessária, adequando os espaços às atividades previstas para o museu, como as áreas de exposição para as peças da coleção e as atividades administrativas.

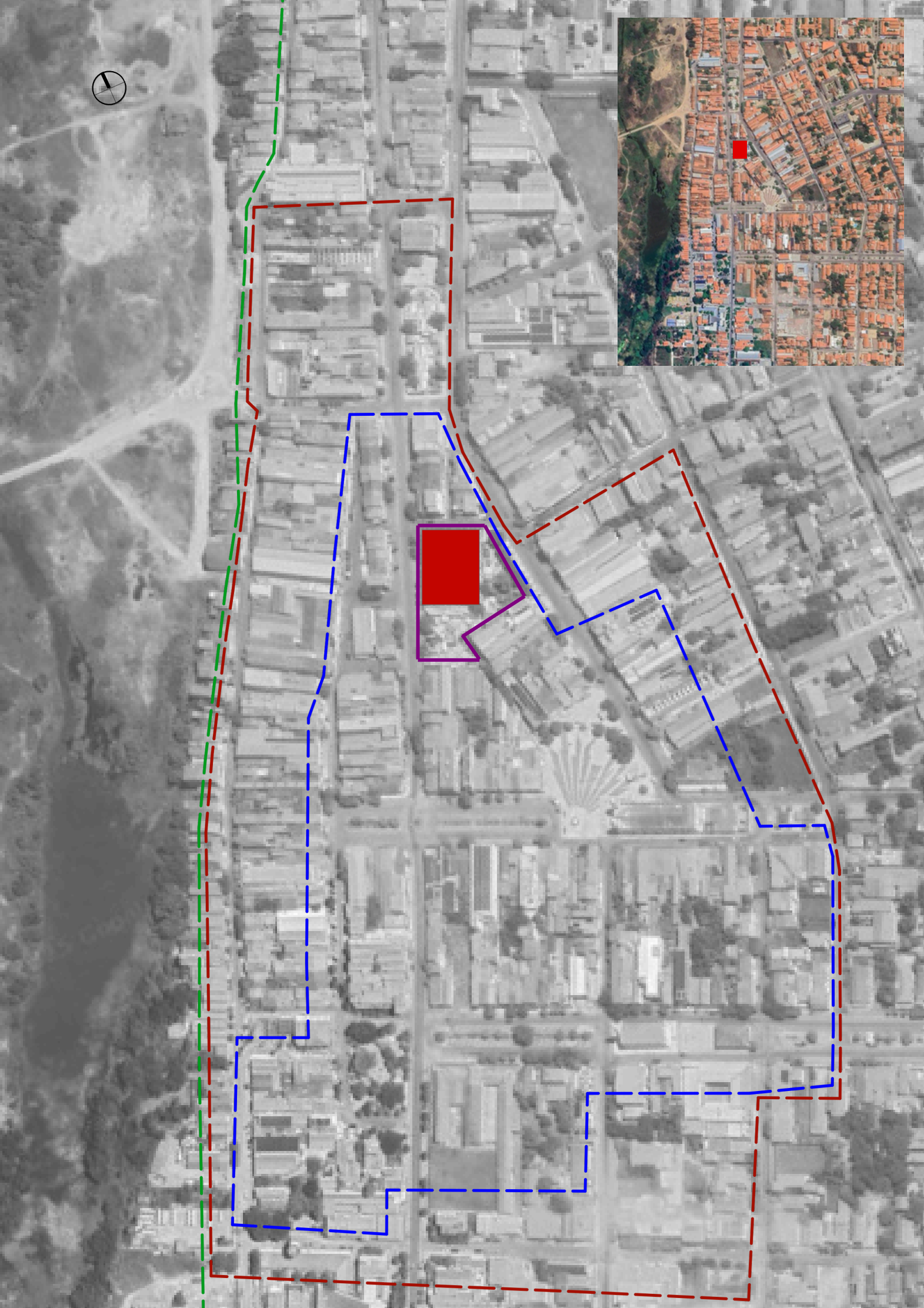
O anexo foi projetado com o objetivo de acolher a reserva técnica, os espaços para exposições temporárias e um café-restaurant. A necessidade de conexão entre os dois edifícios é representada por uma passarela de concreto protendido com 3 m de altura, como um braço que se do prédio antigo ao novo.

Dois edifícios que conseguem dialogar, definindo um espaço cultural que se pretende ponto de encontro e área de convívio, Dois momentos históricos que coexistem numa bela harmonia e proporcionalidade primorosa.

estratégias utilizadas

A estratégia adotada segue a linha da materialidade distinta entre os edifícios permite a perfeita integração dos dois blocos, definindo a diferença de idade de um século entre eles. Cada um, ao seu tempo, expressa uma técnica e um modo de construir e de usufruir o espaço. Ambos com sua personalidade única, unidos, somente, por um belo jardim e uma pequena passarela.

PARECER PONTUAL



ENTORNO

O município é dividido em somente 2 distritos, sendo eles: Limoeiro do Norte (Sede) e Bixopá. Porém, os Perímetros Urbanos se estendem a outras localidades do município além dos distritos, que são delimitadas no Plano Diretor, como as localidades do Cabeça Preta, de Espinho e Distrito Industrial, e de Tomé.

Também delimitado pelo Plano Diretor, o zoneamento urbano da sede da cidade foi estabelecido as seguintes categorias de Áreas Especiais, que delimitam características e parâmetros específicos.

A área de intervenção está inclusa dentro da Área Especial de Interesse Cultural (AIC), que é classificada segundo o Plano Diretor do município como:

Art. 39 *As Áreas de Especial Interesse Cultural (AIC) compreendem aquelas voltadas para a preservação e a valorização de conjuntos de referência histórico cultural resultantes da presença de traçados e tipologias urbanísticas, arquitetônicas e paisagísticas que configuram a identidade do lugar.*

Art. 40 *Fica delimitada como AIC a área do entorno da Igreja Matriz, que compreende um conjunto de edificações de tipologia tradicional preservadas, bem como a área que compreende a torre do Relógio da Hora, o Mercado Municipal, a Igreja de Santo Antônio, a Casa Episcopal e a Câmara Municipal.*

O mercado está inserido no zoneamento de área de interesse cultural, isso implica na necessidade de conservação das construções que são compreendidas como parte da história da cidade, o que é o caso do mercado público, e qualquer intervenção precisa passar pela aprovação do conselho da cidade, apesar de não ter nenhuma edificação tombada. Além disso, novas construções não podem ultrapassar 2 pavimentos, para ser mantido o gabarito das construções históricas.

O mesmo está também inserido no zoneamento da área central, que tem como objetivo a manutenção da vitalidade urbana, por meio do privilegio ao pedestre, manutenção da diversificação das atividades e valorização dos espaços públicos.

- TERRENO DA INTERVENÇÃO
- ÁREA DE INTERVENÇÃO
- ÁREA DE INTERESSE CULTURAL (AIC)
- ÁREA DE INTERESSE AMBIENTAL (AIA)
- ÁREA CENTRAL (AC)



Art. 44 A hierarquia viária do Município contém as seguintes classes de vias:

I. *Vias Arteriais Regionais:* são aquelas que conectam as áreas urbanizadas entre si;

II. *Vias Arteriais Urbanas:* são aquelas de distribuição do fluxo na malha viária urbana, conectando as diversas regiões da cidade, sendo caracterizadas pela presença de intersecções em nível, geralmente controladas por semáforo ou rotatória; nelas, passam os corredores de transporte coletivo, com acessibilidade aos lotes lindeiros e às vias coletoras e locais;

III. *Vias Coletoras:* são as vias que articulam conectam as Vias Arteriais às vias locais;

IV. *Vias Locais:* são as de acesso pontual, de interesse limitado aos moradores ou de interesses específicos e caracterizadas por intersecções em nível não preferencial;

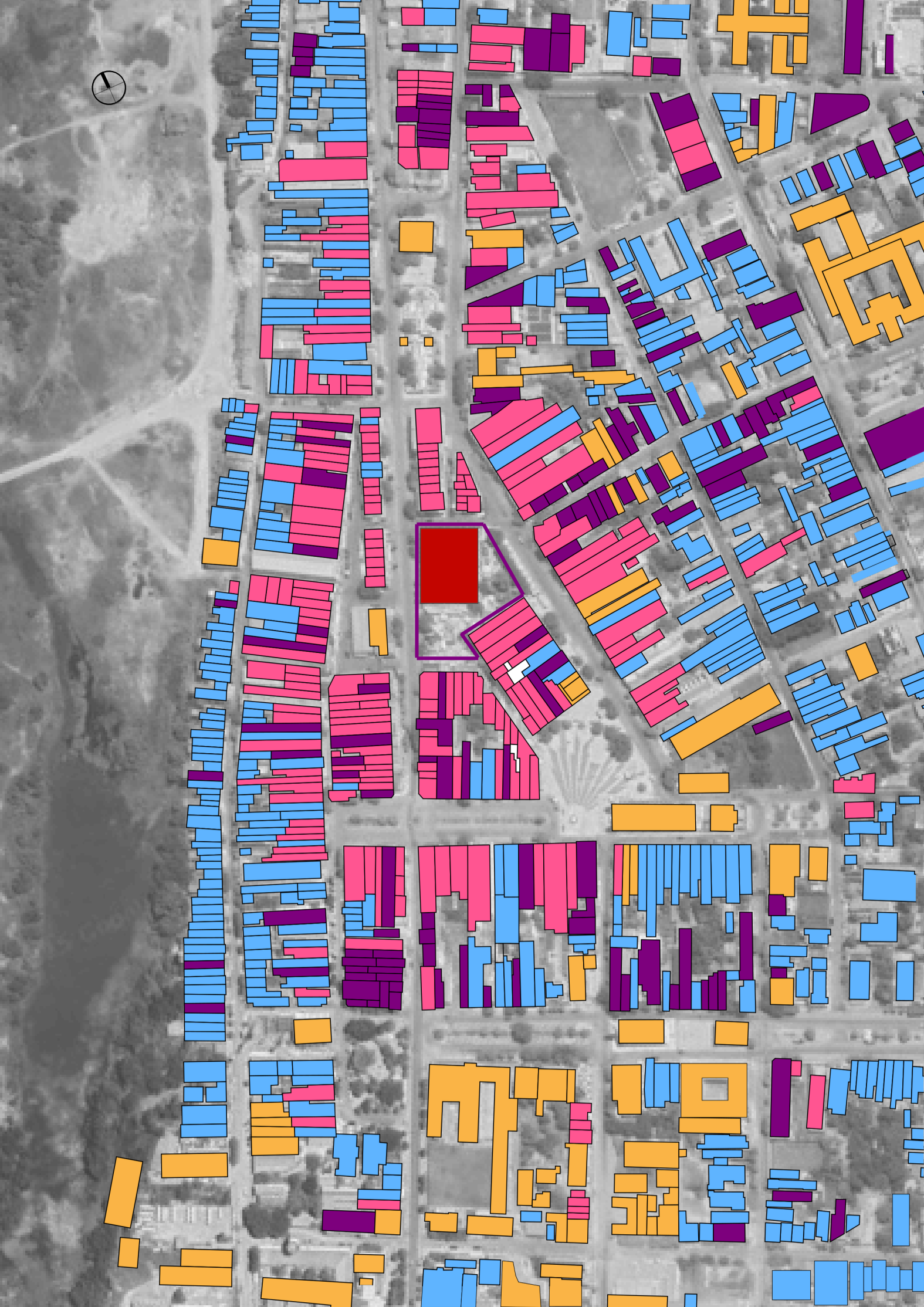
V. *Vias de Pedestre:* vias destinadas ao tráfego prioritário de pedestres e ciclistas, sendo admitida a presença de veículos motorizados para o acesso local;

VI. *Vias Vicinais:* são as estradas municipais, geralmente em ambiente rural e sujeitas a intersecções em nível.

O terreno onde está implantado o mercado situa-se entre as duas principais vias do centro da cidade, a rua Cônego Bessa e a avenida Dom Aureliano Matos. As duas vias começam na entrada da cidade, sendo a primeira a qual conduz para adentrar a cidade ate ao centro, enquanto a segunda é o inverso, direciona do centro à entrada da cidade.

E por está inserido no zoneamento de área central, o tráfego dessa área está sob algumas limitações, como o impedimento de instalação de atividades atratoras de tráfego pesado ou de grande número de veículos, ordenamento da circulação de veículos, com restrições ao tráfego de passagem e de caminhões de grande porte e regulamentação do estacionamento e das operações de carga e descarga.

- VIA ARTERIAL URBANA
- VIA COLETORA
- VIA LOCAL
- TERRENO DA INTERVENÇÃO
- ÁREA DA INTERVENÇÃO



Art. 85 São as seguintes as categorias de usos:

- I. Residencial;
- II. Não Residencial.

Parágrafo único. A coexistência dos usos residencial e não residencial no terreno ou edificação configura o Uso Misto.

Art. 86 O uso residencial comporta as subcategorias:

- I. Residencial Unifamiliar;
- II. Residencial Multifamiliar, podendo ser:
 - a) Residencial Multifamiliar Horizontal;
 - b) Residencial Multifamiliar Vertical.

Art. 87 O uso não residencial é constituído por atividades das subcategorias:

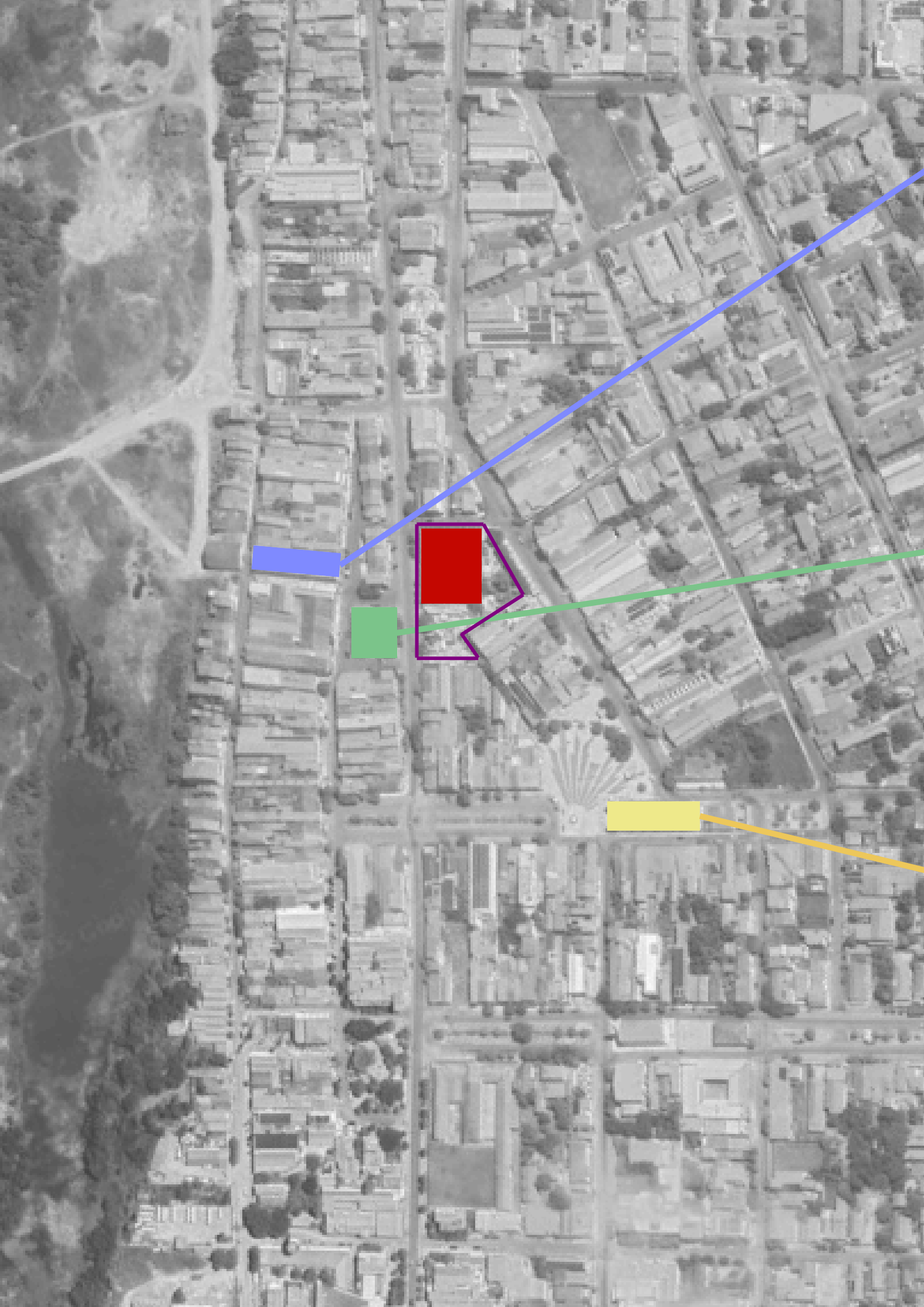
- I. Comércio Varejista;
- II. Comércio Atacadista;
- III. Serviços;
- IV. serviços de Uso Coletivo;
- V. Indústrias;
- VI. Agricultura Urbana.

Art. 88 A instalação e o funcionamento das atividades ficam condicionados à adoção de medidas que minimizem suas potenciais repercussões negativas.

O mercado está implantado numa área de predomínio de edifícios de uso comercial, sendo o mercado o ponto central e primordial dessa dinâmica econômica da cidade.

A instalação e o funcionamento das atividades ficam condicionados à adoção de medidas que minimizem suas potenciais repercussões negativas. No caso do mercado, os principais impactos seriam a atração de alto número de veículos leves e atração de alto número de pessoas, enquanto as medidas mitigadoras seriam, respectivamente, a implantação de alternativa de estacionamento e controle de acesso de veículo à edificação e a realização de medidas para viabilizar embarque e desembarque.





MERCADO DA CARNE



GALPÃO DAS FRUTAS



IGREJA MATRIZ



DIAGNÓSTICO DO EDIFÍCIO

Ao longo dos anos o mercado foi sendo ocupado pelo comerciantes, que eram todos comissionados, de maneira desenfreada, por falta de fiscalização e administração do poder público. Os mesmos, faziam negociações a cerca dos boxes que ocupavam, tornando possível a um único comerciante ocupar diversos boxes, e ate mesmo modificando a fisionomia interna do edifício, após as lojas começaram a se voltar para o lado externo, ocupando as entradas e impedindo a circulação com grandes paredes de alvenaria.

O mercado permaneceu com somente quatro entradas, uma em cada fachada e, como consequência, o fluxo de clientes internamente começou a decair e as lojas locadas internamente começaram a ficar desocupadas.

No ano de 2022, foi realizado um relatório fotográfico, feito pela prefeitura, sobre o mercado, para a identificação de todos os tipos de patologias e irregularidades na parte externa e interna. Os problemas identificados nas fotografias vão desde danificação da fachada à falhas na estrutura, com riscos de acidentes.

Após o relatório feito pela Prefeitura, o mercado foi desocupado diante dos problemas encontrados durante as vistorias. Porém anos se passaram e as obras, planejadas para serem iniciadas o mais breve possível, não se iniciaram ocasionando ao abandono e, conseqüentemente, a degradação, ainda maior, do edifício. E foi assim que permaneceu, propiciando a situação crítica, onde algumas partes da fachada se tornaram ruínas, com vegetação invasora apoderando-se de todo o espaço, até outubro de 2025, quando foi demolido para dar lugar a um novo mercado.

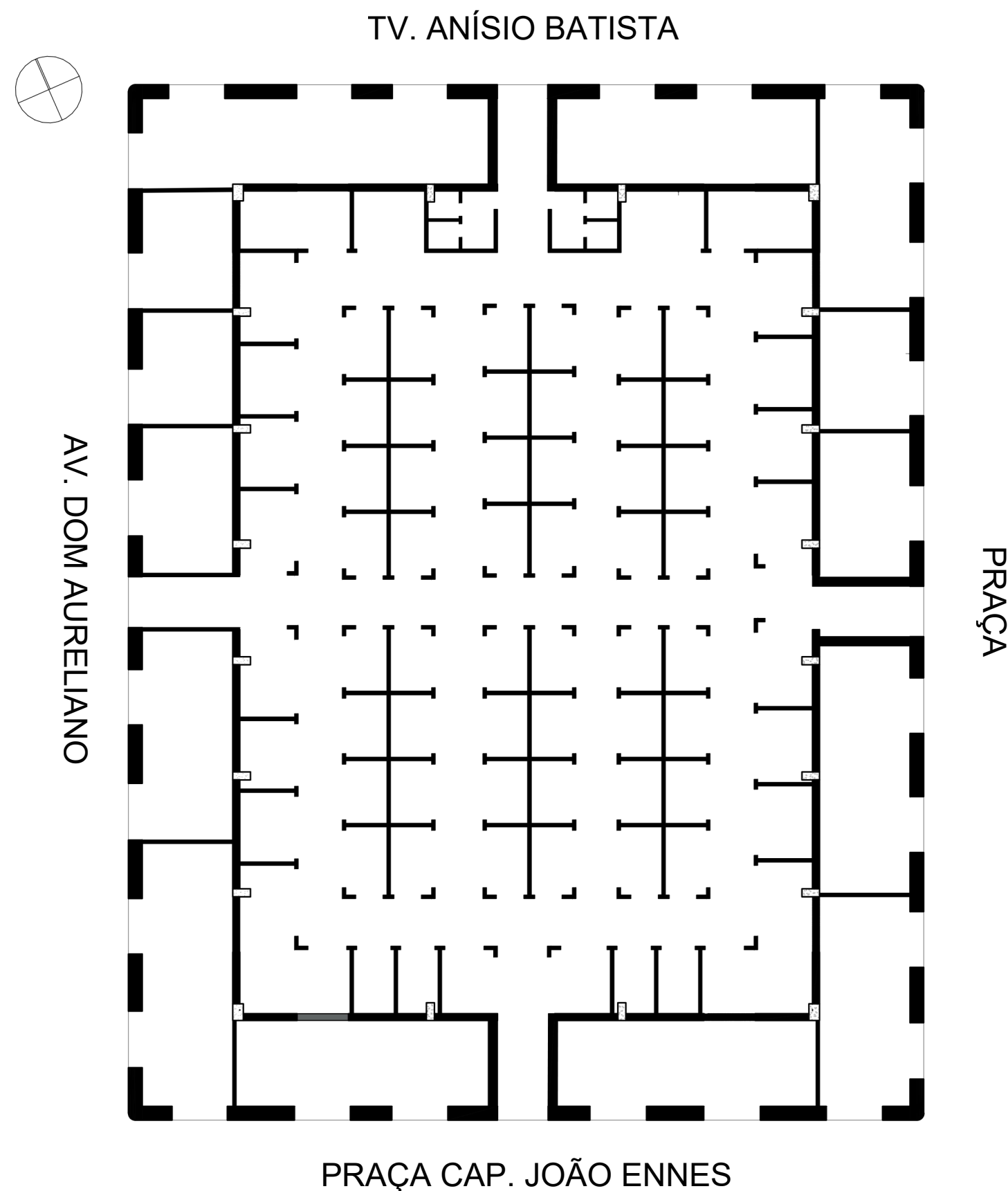


Figura 27: Planta do Mercado em 2022
Fonte: Prefeitura de Limoeiro

RELATÓRIO FOTOGRÁFICO

FACHADA



Figura 28: Vista da fachada oeste revestimento danificado..
Fonte: Prefeitura de Limoeiro do Norte



Figura 29: Detalhe da fachada danificado para a passagem de tubo de drenagem de águas pluviais
Fonte: Prefeitura de Limoeiro do Norte



Figura 32: Detalhe de adorno da fachada danificada
Fonte: Prefeitura de Limoeiro do Norte

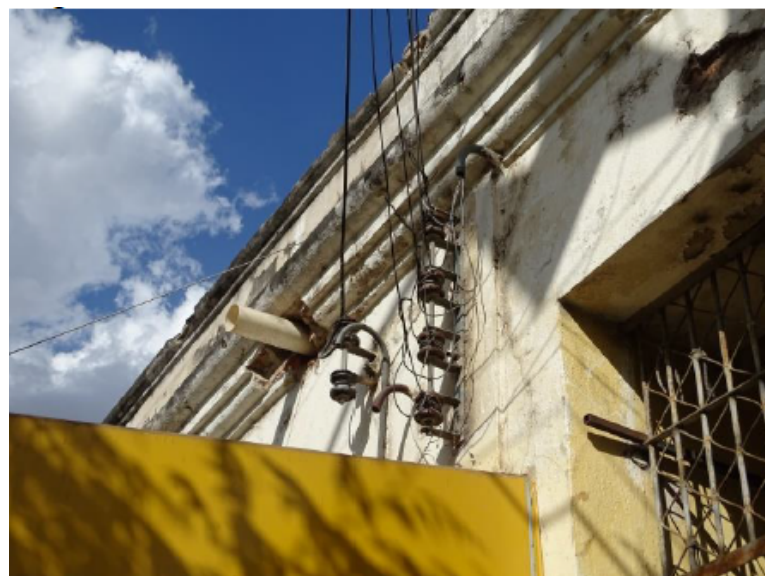


Figura 33: Ligações de energia fora de norma trazendo risco de incêndio.
Fonte: Prefeitura de Limoeiro do Norte

ESTRUTURAL



Figura 30: Corrosão causada por vazamentos de água no reservatório localizado acima da laje.
Fonte: Prefeitura de Limoeiro do Norte



Figura 31: Corrosão causada por vazamentos de água no reservatório localizado acima da laje.
Fonte: Prefeitura de Limoeiro do Norte



Figura 34: Detalhe da estrutura metálica com sinais de corrosão causados pela ação da carbonatação e falta de manutenção.
Fonte: Prefeitura de Limoeiro do Norte

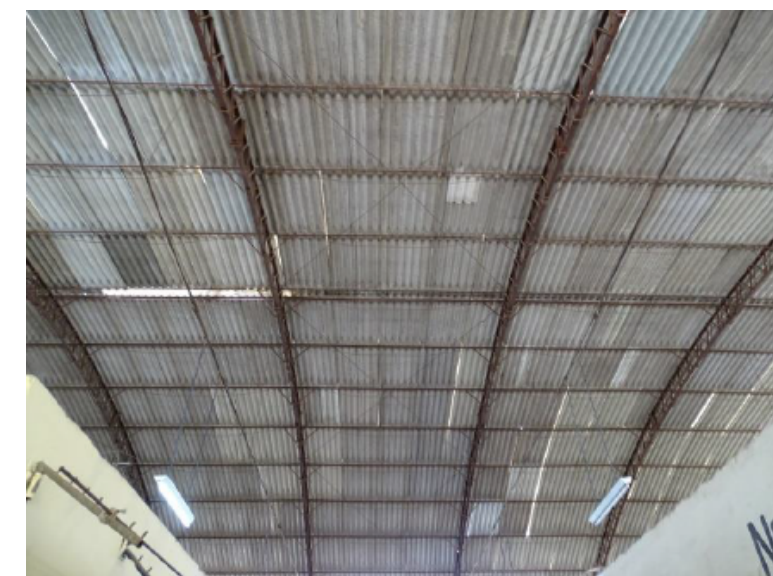


Figura 35: Vista da coberta em estrutura metálica em arco com telhas de fibrocimento.
Fonte: Prefeitura de Limoeiro do Norte

RELATÓRIO FOTOGRÁFICO

USO EXTERNO



Figura 36: Vista da fachada leste voltada para a Praça dos Taxistas diversos produtos expostos na calçada.
Fonte: Prefeitura de Limoeiro do Norte



Figura 37: Vista da fachada norte voltada para a Rua Anísio Batista, diversos toldos encobrindo a fachada do Mercado.
Fonte: Prefeitura de Limoeiro do Norte



Figura 40: Fachada oeste voltada para a Av. Dom Aureliano Matos parcialmente encoberta por árvores e produtos.
Fonte: Prefeitura de Limoeiro do Norte



Figura 41: Entrada oeste e detalhe de produtos expostos na calçada.
Fonte: Prefeitura de Limoeiro do Norte

USO INTERNO



Figura 38: Diversos produtos expostos na área externa dos boxes.
Fonte: Prefeitura de Limoeiro do Norte



Figura 39: Produtos comercializados nos corredores do mercado estreitando o acesso. Fonte: Prefeitura de Limoeiro do Norte



Figura 42: Diversos produtos expostos na área externa dos boxes.
Fonte: Prefeitura de Limoeiro do Norte



Figura 43: Corredor interno produtos expostos na área externa dos Boxes, e diversos Boxes sem funcionamento.
Fonte: Prefeitura de Limoeiro do Norte



Figura 44: Vegetação invasora com a fachada em ruínas
Fonte: Acervo do autor



Figura 45: Problemas no reboco da fachada
Fonte: Acervo do autor



Figura 46: Fachada norte
Fonte: Acervo do autor



Figura 47: Fachada sul
Fonte: Acervo do autor



Figura 48: Parte interna da fachada norte
Fonte: Acervo do autor



Figura 49: Fachada sul
Fonte: Acervo do autor



Figura 50: Fachada oeste
Fonte: Acervo do autor

INTERVENÇÃO







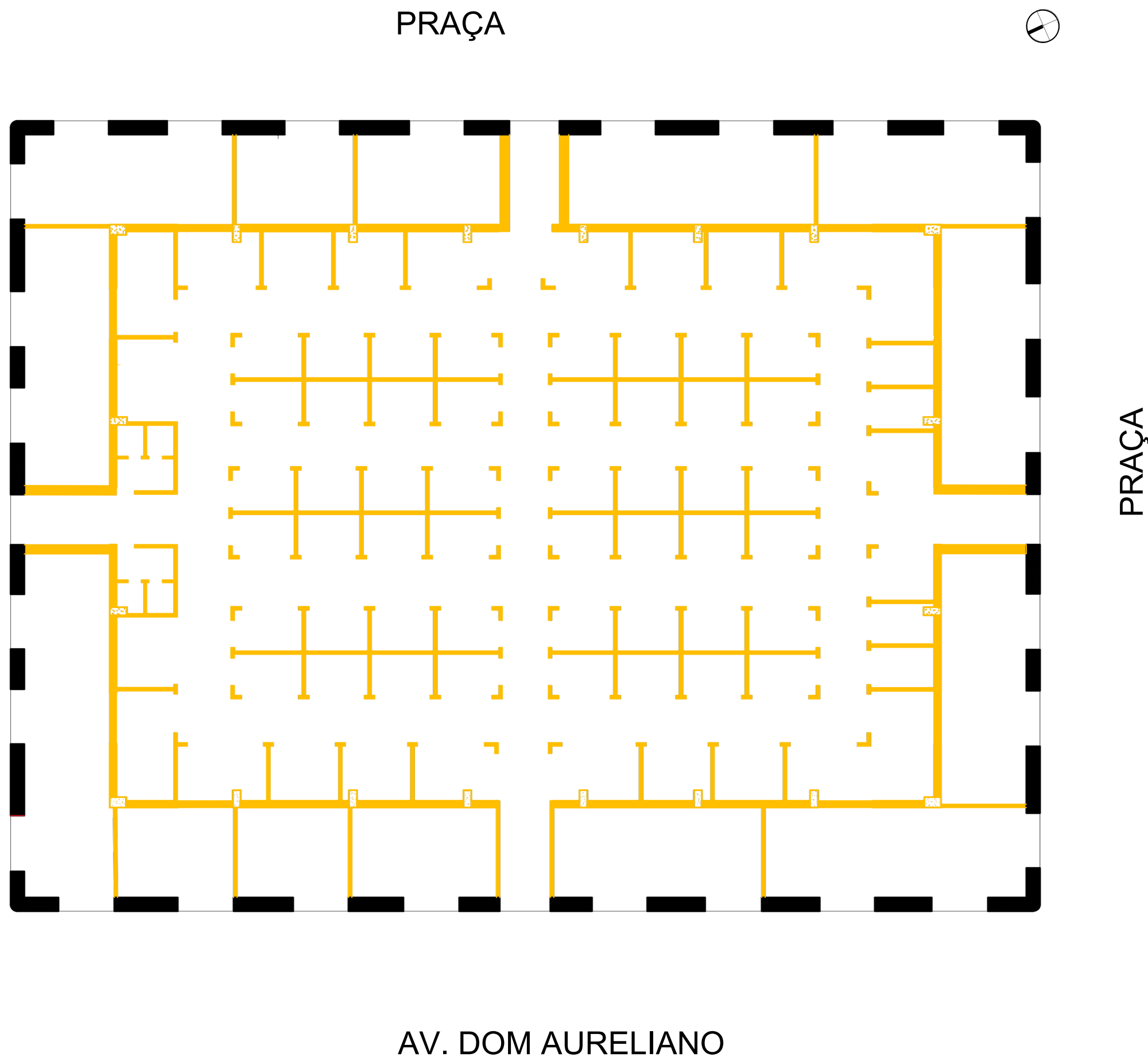
PLANTA DEMOLIR

Por ser uma intervenção em um edifício que já teve diversas mudanças na sua parte interior, foi necessário um tratamento dessa parte.

As paredes internas de alvenaria, que delimitam os boxes, serão eliminadas para darem espaço a nova intervenção.

Será mantido somente a parede externa, presente desde a construção do mercado, em 1877, sendo ela a responsável pela manutenção da memória histórica das pessoas do município.

TV. ANÍSIO BATISTA



TV. ANÍSIO BATISTA

B

A

A

B

AV. DOM AURELIANO MÃOS

RUA CÔNEGO BESSA



PROGRAMA

O programa de necessidades do mercado foi distribuído em 2 pavimentos, sendo estes interligados por dois conjuntos de plataforma elevatória e escada.

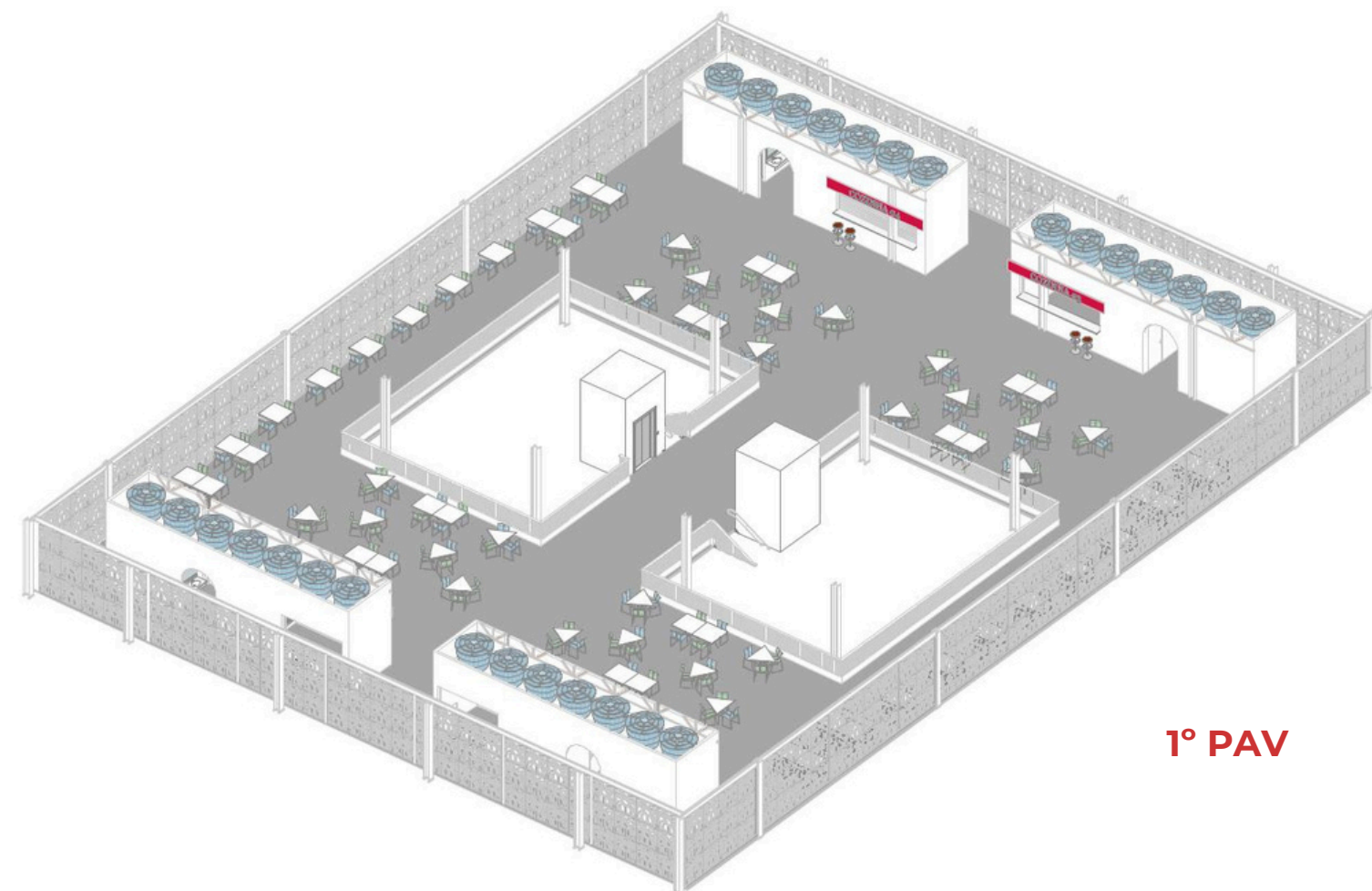
No pavimento térreo é onde a atividade comercial fica concentrada, com a implantação dos boxes que conversam diretamente com a rua e as praças circundantes.

- **88 box's conversíveis de 4 m²**
- **2 banheiros femininos**
- **2 banheiros masculinos**

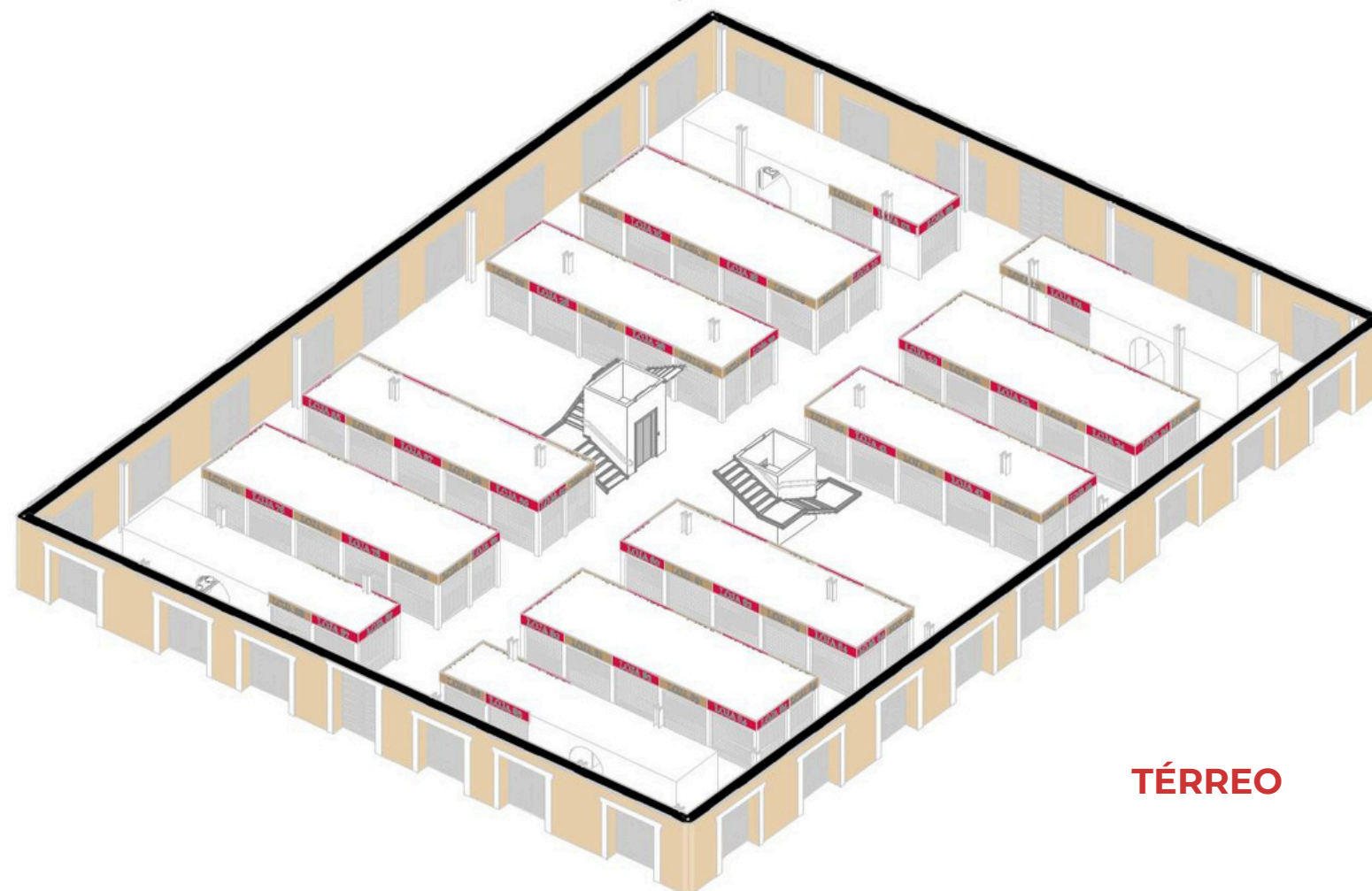
No primeiro pavimentos é exclusivamente para a praça de alimentação, com cozinhas, nas extremidades, para a preparação e venda de alimentos e espaços abertos com mobiliário para o consumo.

- **4 cozinhas de 11 m²**
- **2 banheiros femininos**
- **2 banheiros masculinos**

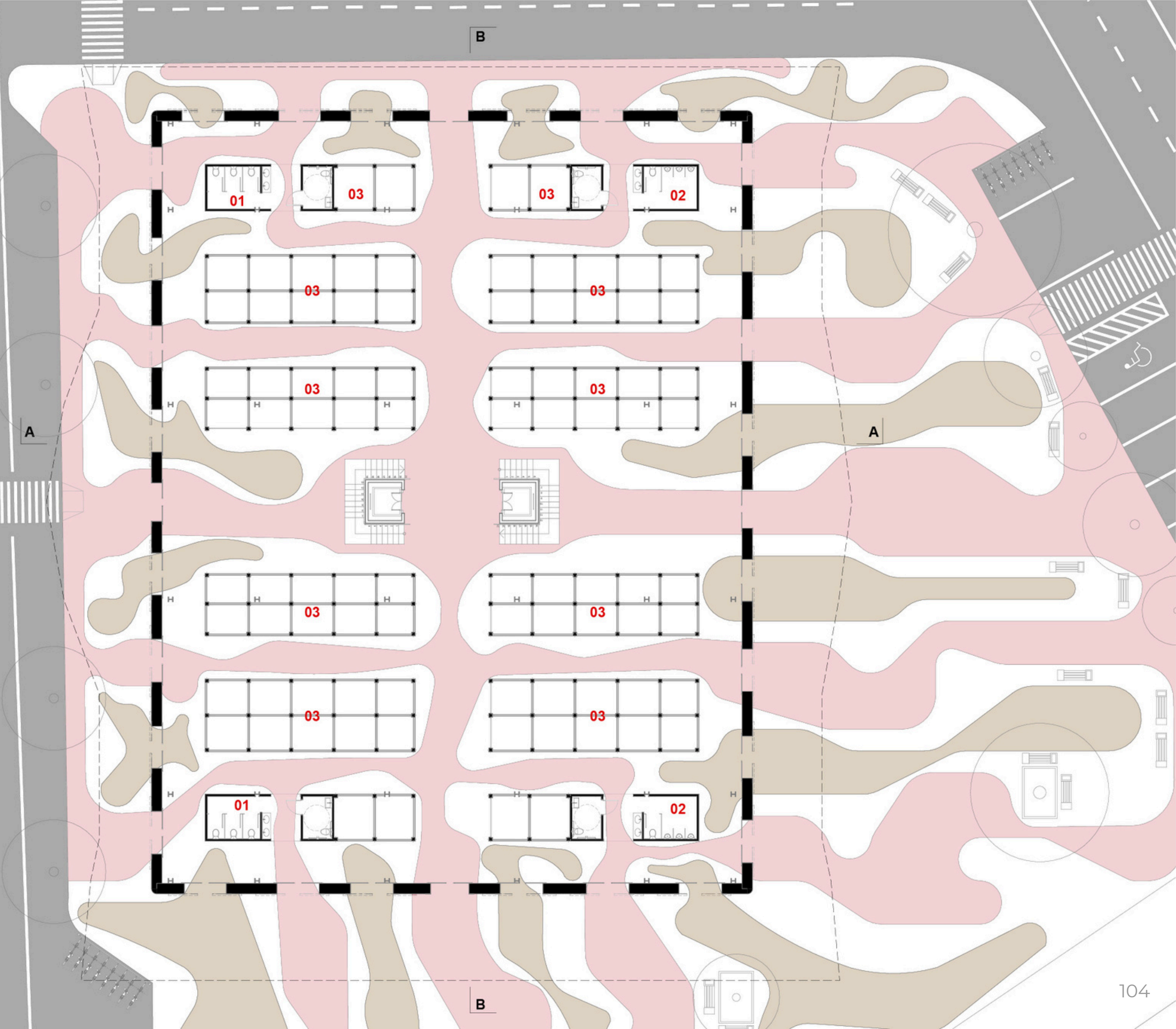
ÁREA CONSTRUIDA	
PAVIMENTO	ÁREA
térreo	1.570 m ²
1º	1.192 m ²
total	2.762 m ²
ÁREA DE PROJEÇÃO DA COBERTA	
2.287,5 M ²	



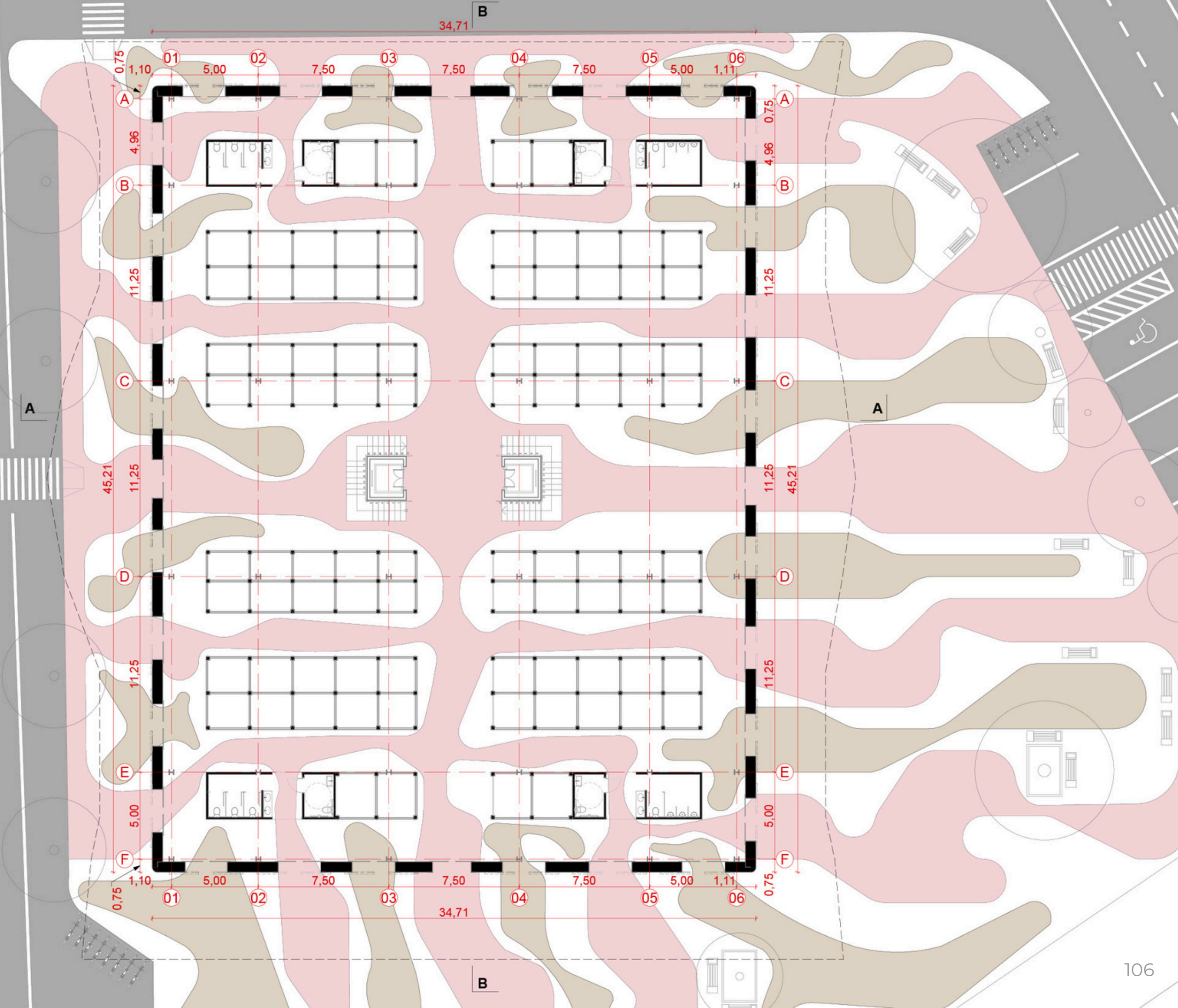
1º PAV



TÉRREO

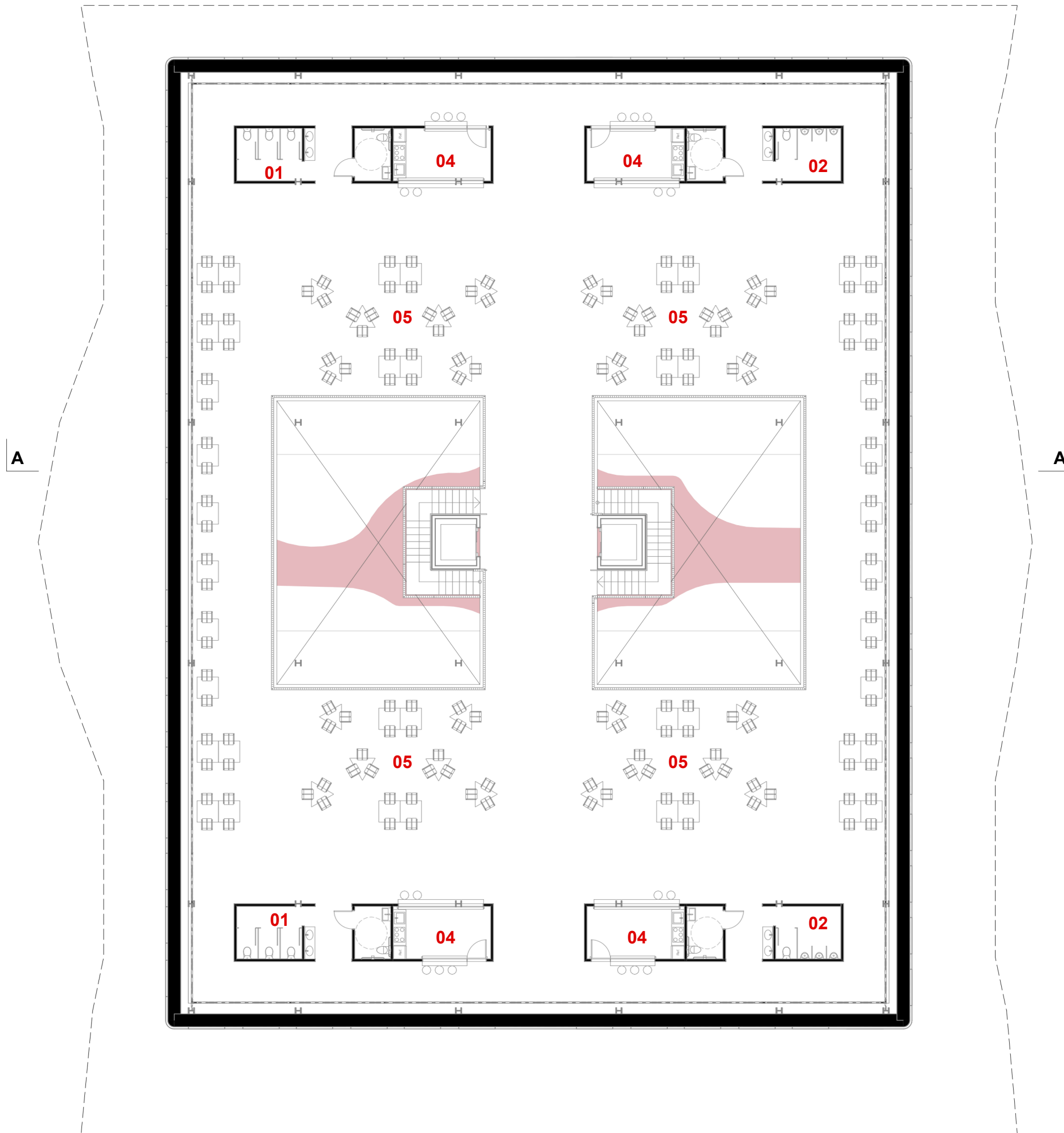


- **01** - banheiro feminino
- **02** - banheiro masculino
- **03** - área de box's





B

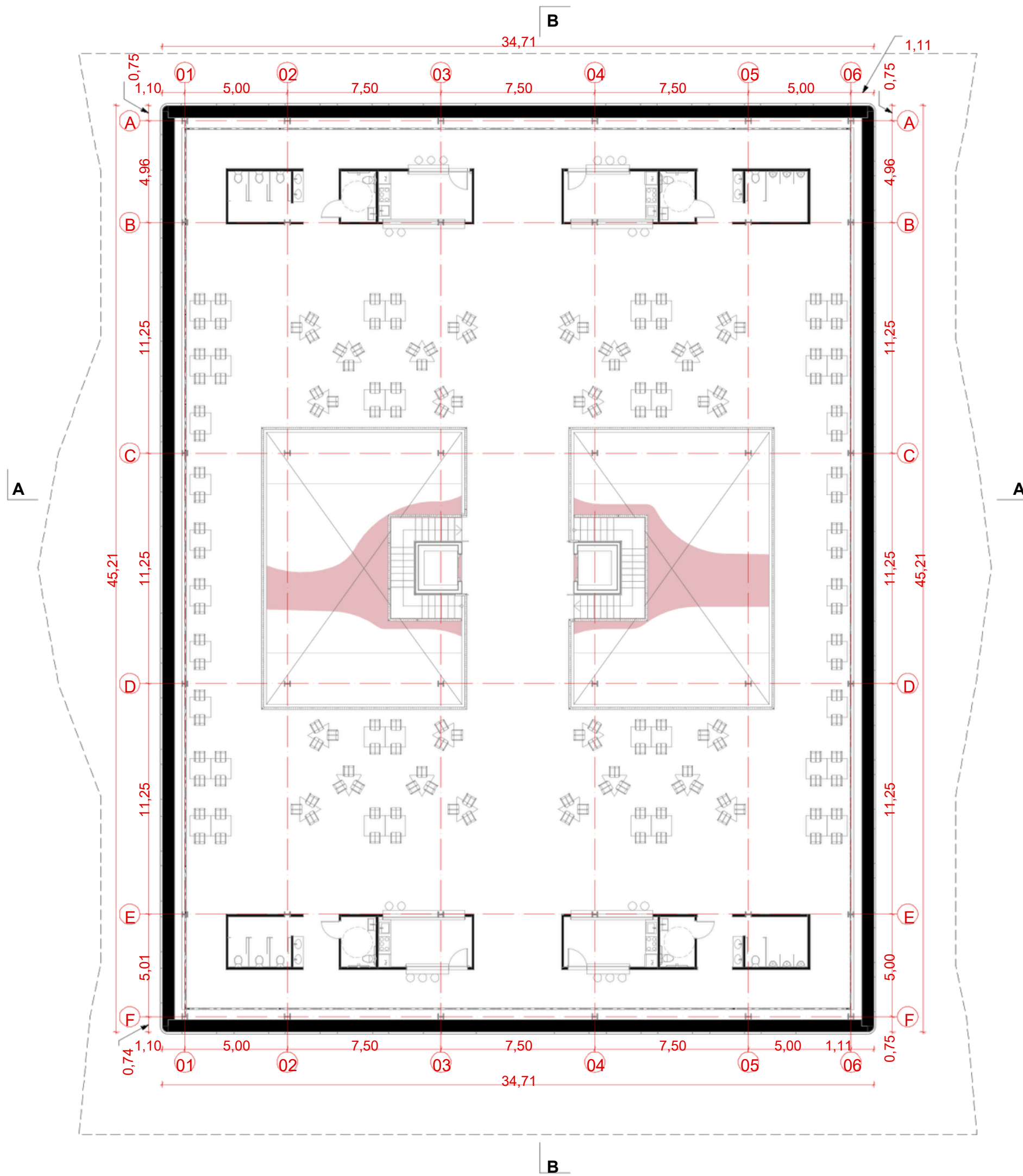


A

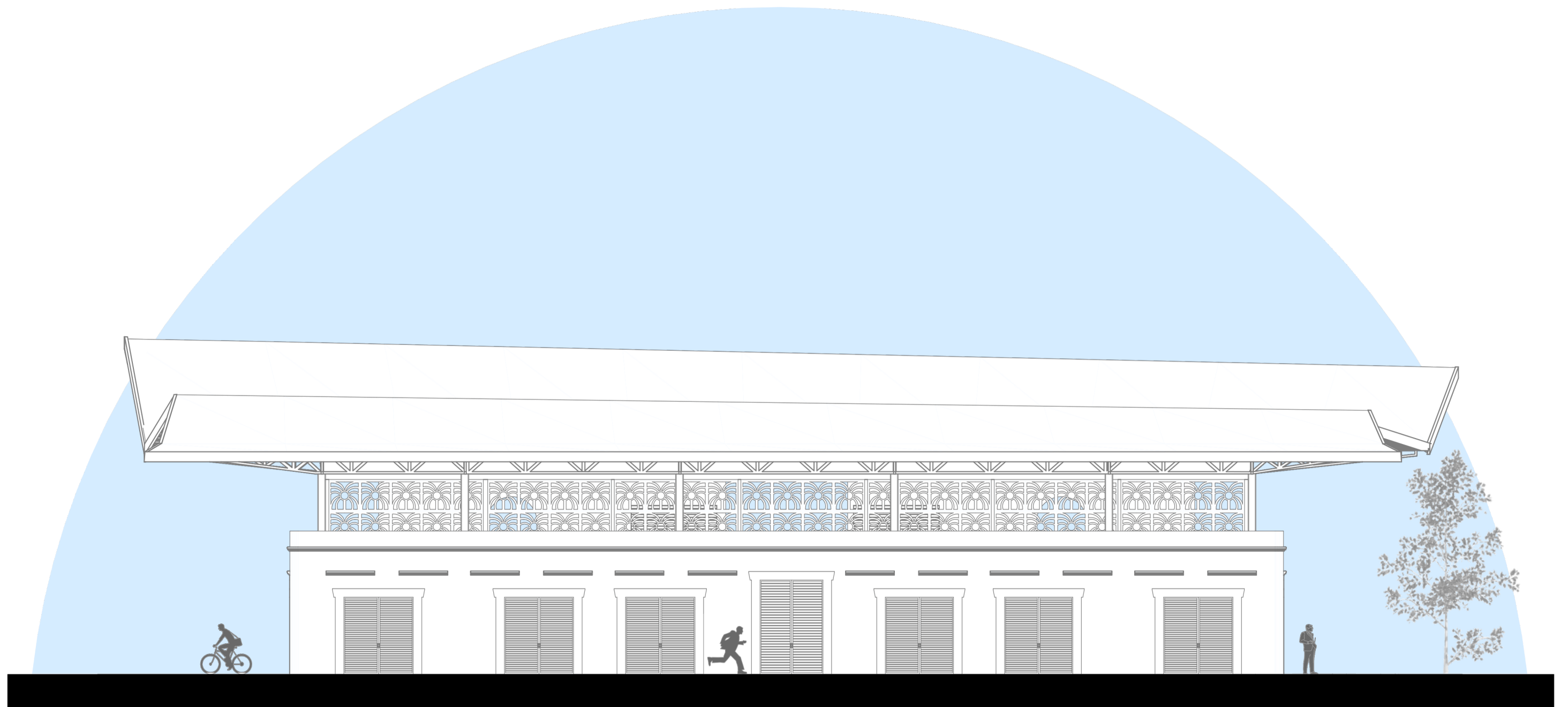
A

B

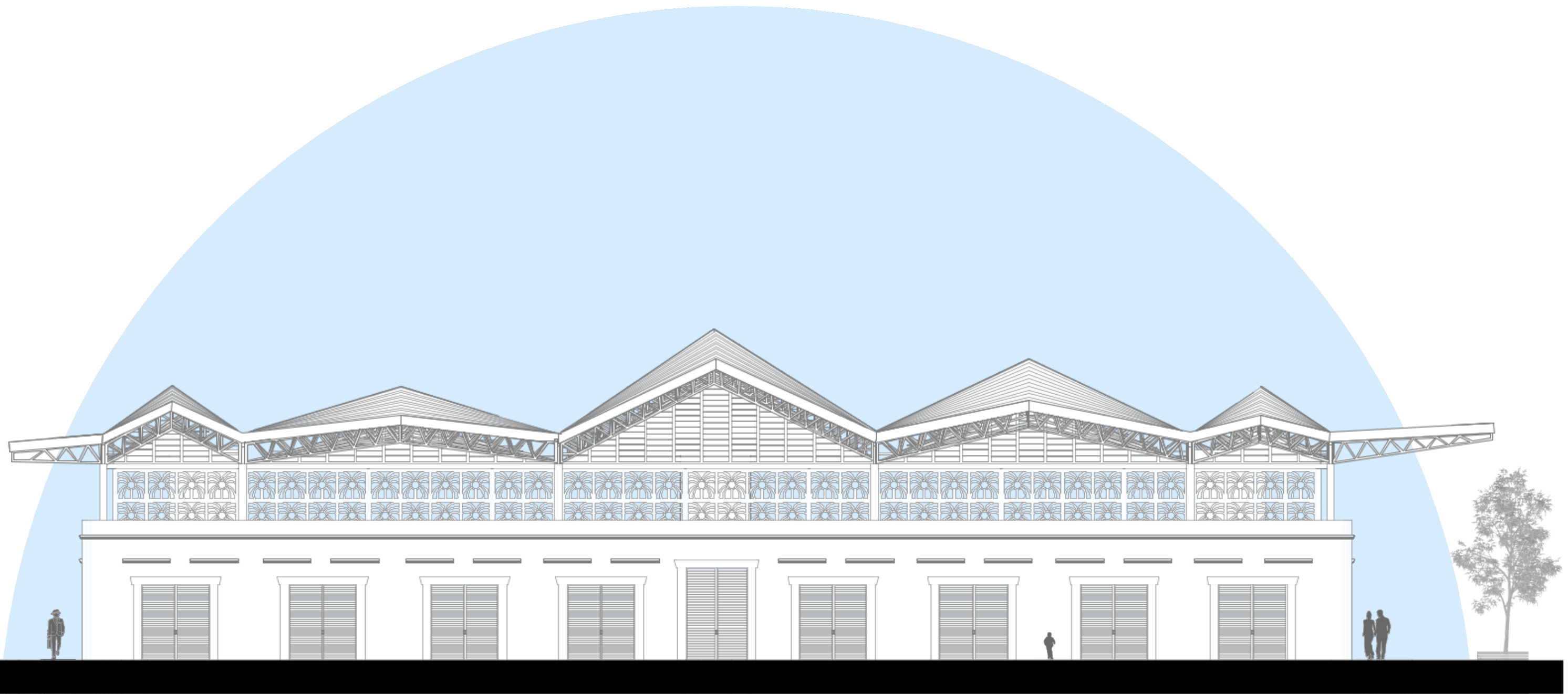
- **01** - banheiro feminino
- **02** - banheiro masculino
- **04** - cozinha
- **05** - praça de alimentação



FACHADA NORTE / SUL



FACHADA LESTE / OESTE



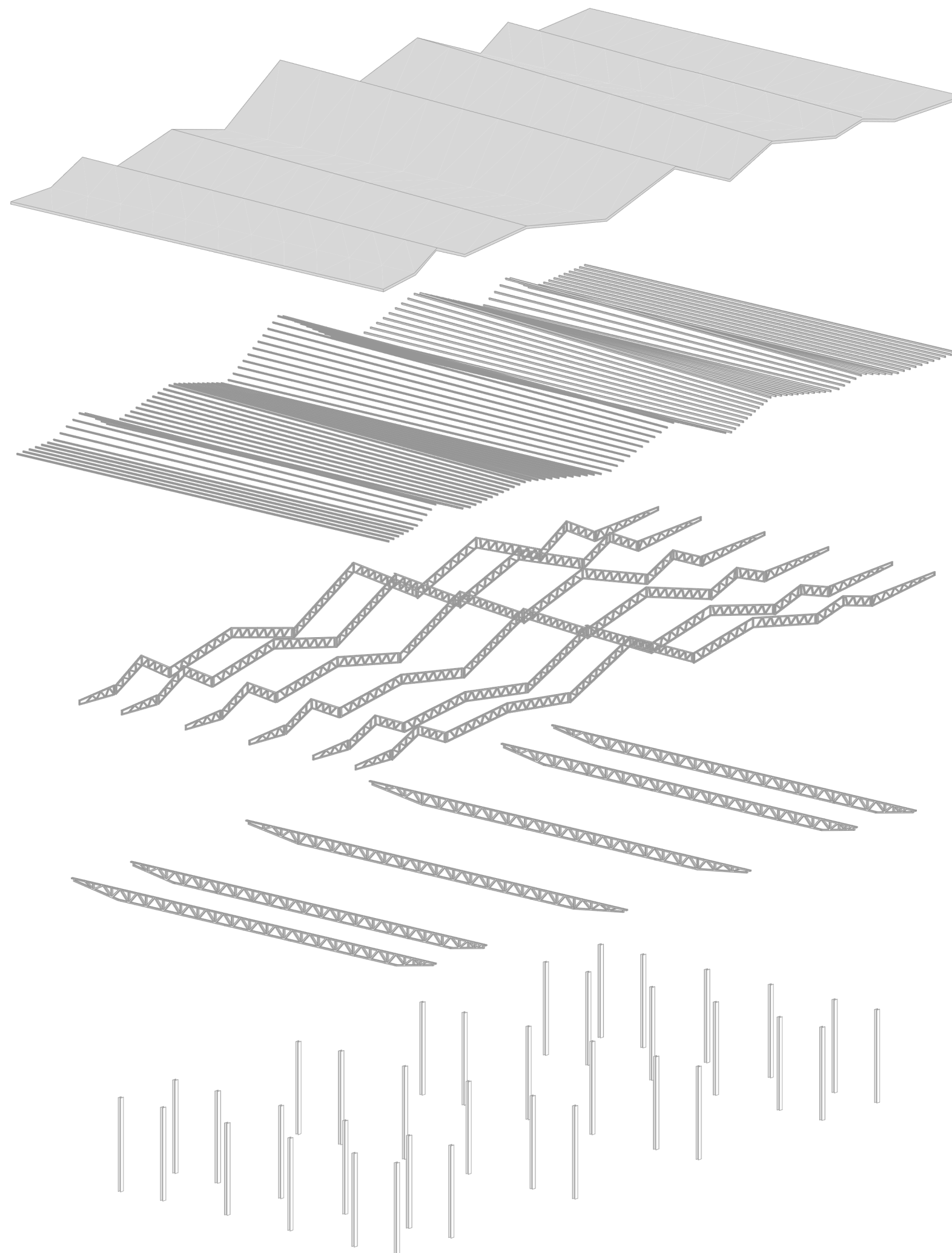
COBERTA

A cobertura metálica é uma telha sanduiche, com camada de poliuretano e acabamento, e é a principal responsável pela volumetria do edifício. A cobertura é formada por diversas águas, de diferentes alturas, o que dá a sensação de movimento e cria espaços de bolhas de ar na parte interna do edifício. A estrutura da cobertura é feita de maneira independente da estrutura pré-existente da fachada histórica.

O pilares metálicos tem o perfil em I e sua modulação tem como denominador comum o padrão de 1,25 x 1,25 m, permitindo uma variação nas medidas entre eles dependendo da necessidade, criando vãos de 5 X 5 m, 7,5 X 7,5 m e o maior de 11,25 X 11,25 m.

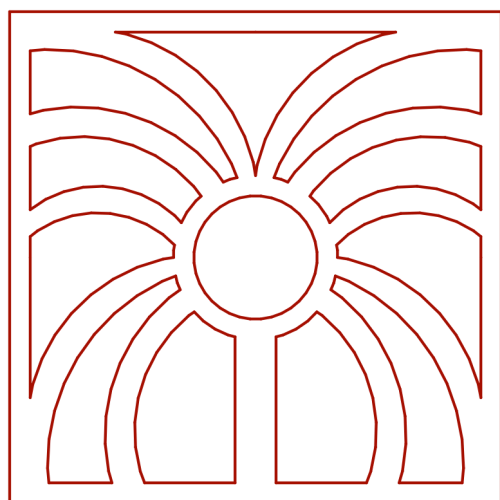
Apoiado sobre os pilares estão as treliças metálicas, que apoiam a cobertura de maneira transversal. Sobre elas, de maneira longitudinal, vem apoiadas as treliças metálicas, sendo elas que criam a variação de altura das diferentes águas da cobertura. Elas apoiam as terças metálicas e sustentam a telha sanduiche. Toda a estrutura e telha tem pintura eletrostática na cor branco, deixando ainda maior o destaque na parede pré-existente, na sua cor bege, já que toda a cobertura já chama bastante atenção por seu formato pontiagudo.

A cobertura, com suas extremidades pontiagudas, e sua estrutura foi pensada para se expandir sobre todo o espaço do mercado e áreas das praças circundantes, criando espaços de sombreamento e permanência.



FECHAMENTO

Os fechamentos do edifício priorizam a permeabilidade, permitindo a ventilação, a iluminação natural e a visualização do seu entorno. No pavimento superior esse fechamento é feito com uma cortina de cobogós, feita exclusivamente para ser implantado no projeto. O seu desenho representa a carnaúba, espécie bastante representativa para o município, que está presente no brasão da cidade. E na parte superior dos cobogós, no espaço das águas da cobertura, o fechamento é feito por um painel de venezianas.



Priorizando a ventilação e a renovação de ar, a laje do primeiro pavimento é uma laje steel deck, que tem como principais vantagens a flexibilidade do projeto e a resistência estrutural, tem um recuo em relação a alvenaria pré existente, permitindo a passagem e criando uma espaço de desfogo para a respiração do prédio.

Considerando as diretrizes de construção para a região do Nordeste do país, os pés-direitos do pavimentos foram pensados para o aumento do volume de ar presente nos ambientes e aumentando a eficiência de isolar termicamente o edifício. O pé-direito do térreo é de 3,5 metros, enquanto o do pavimento superior tem variações por conta do desenho da cobertura, porém o seu menor pé-direito é de 4,5 metros e o maior é de 7,5 metros.

TERÇA METÁLICA

CORTINA DE COBOGÓ

LAJE STEEL DECK

VIGA METÁLICA

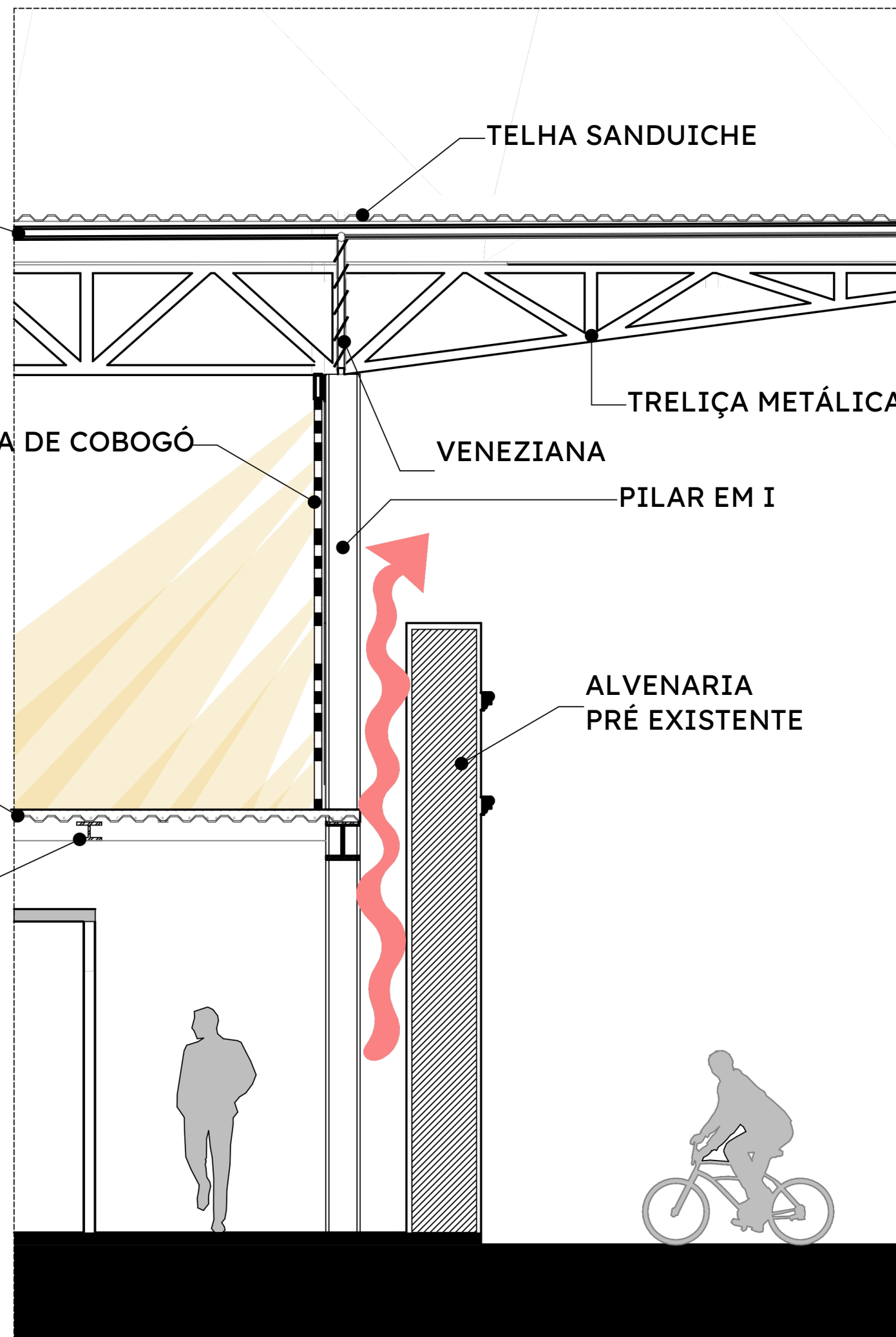
TELHA SANDUICHE

TRELIÇA METÁLICA

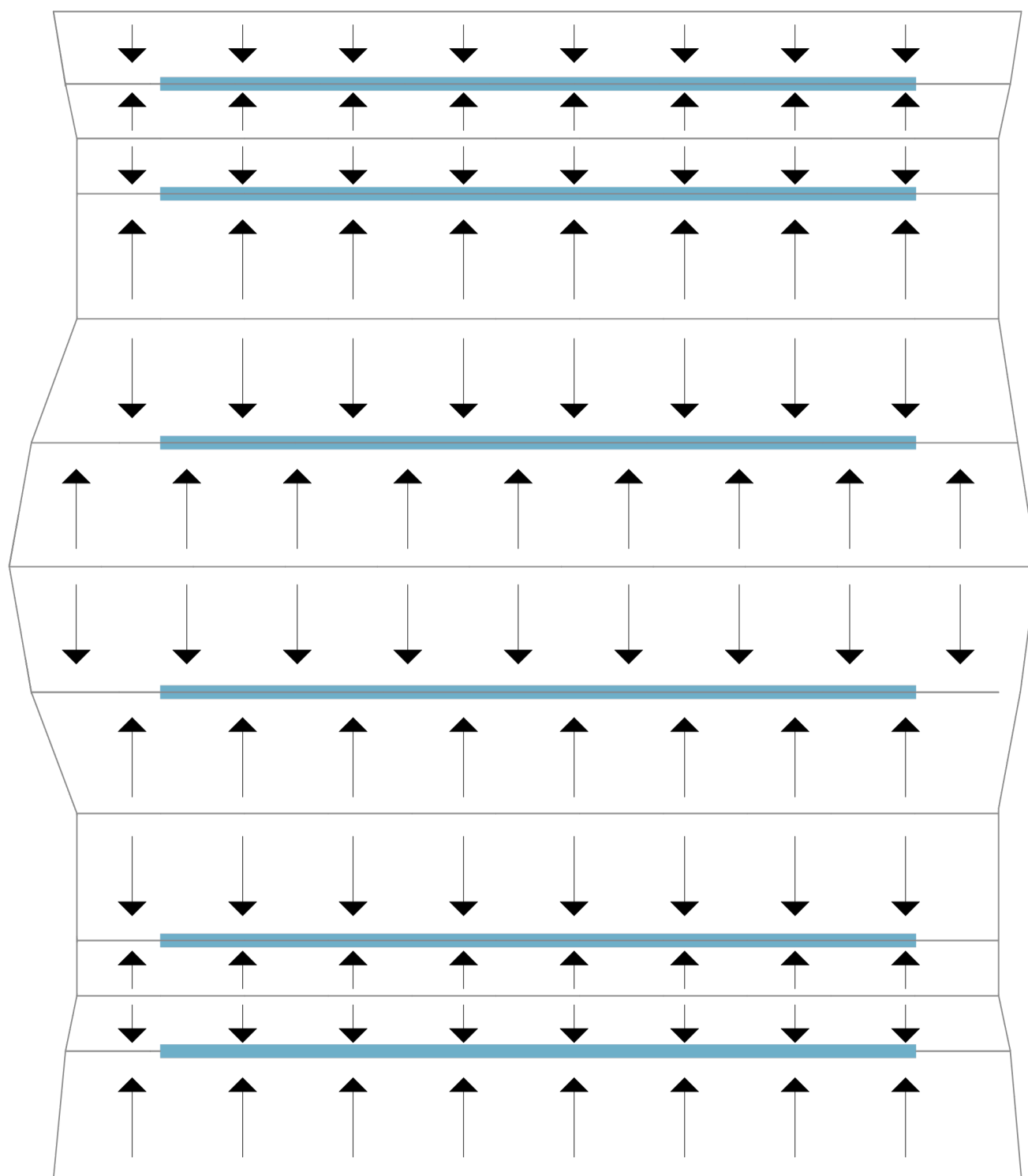
VENEZIANA

PILAR EM I

ALVENARIA PRÉ EXISTENTE

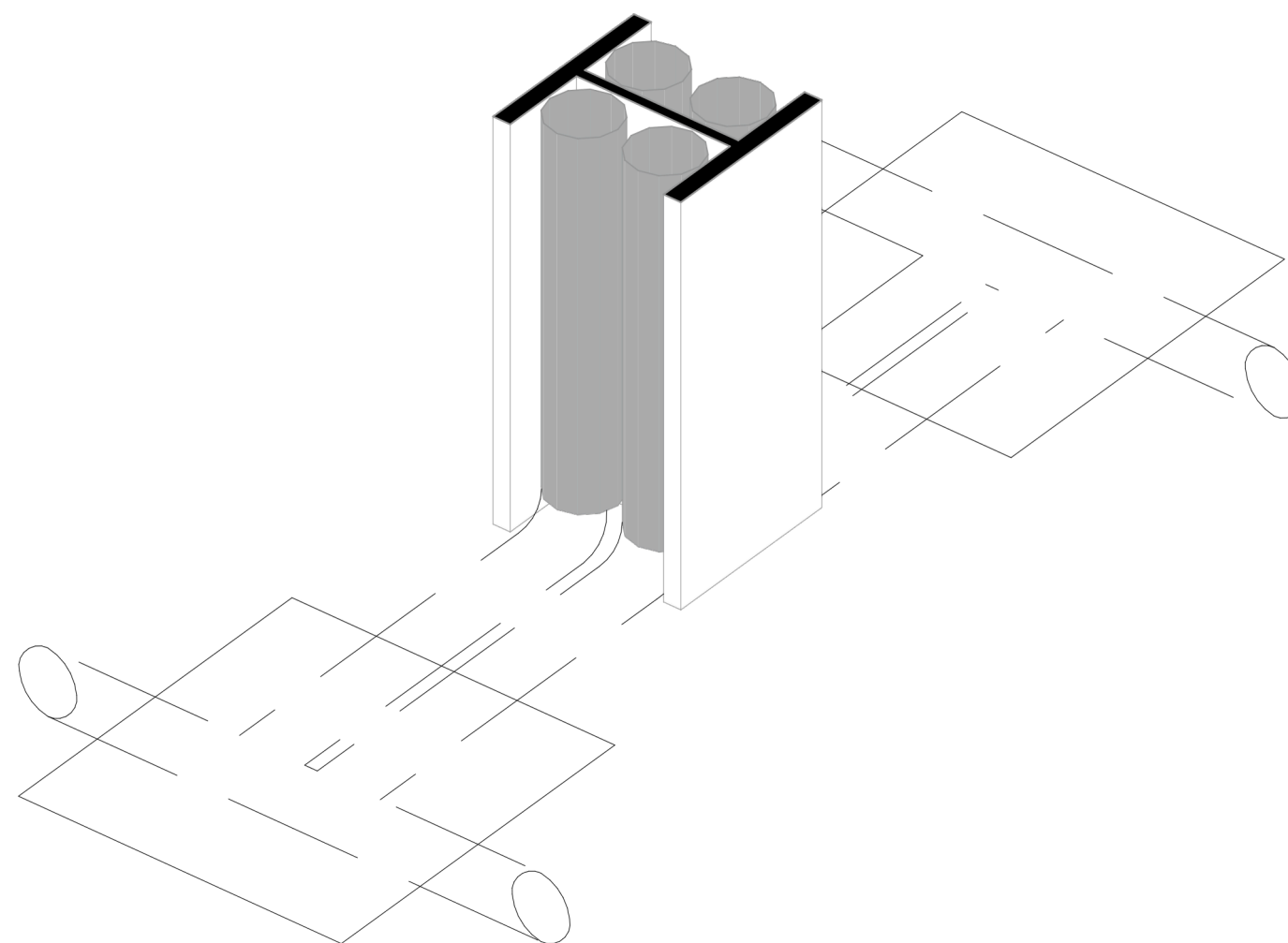


DRENAGEM

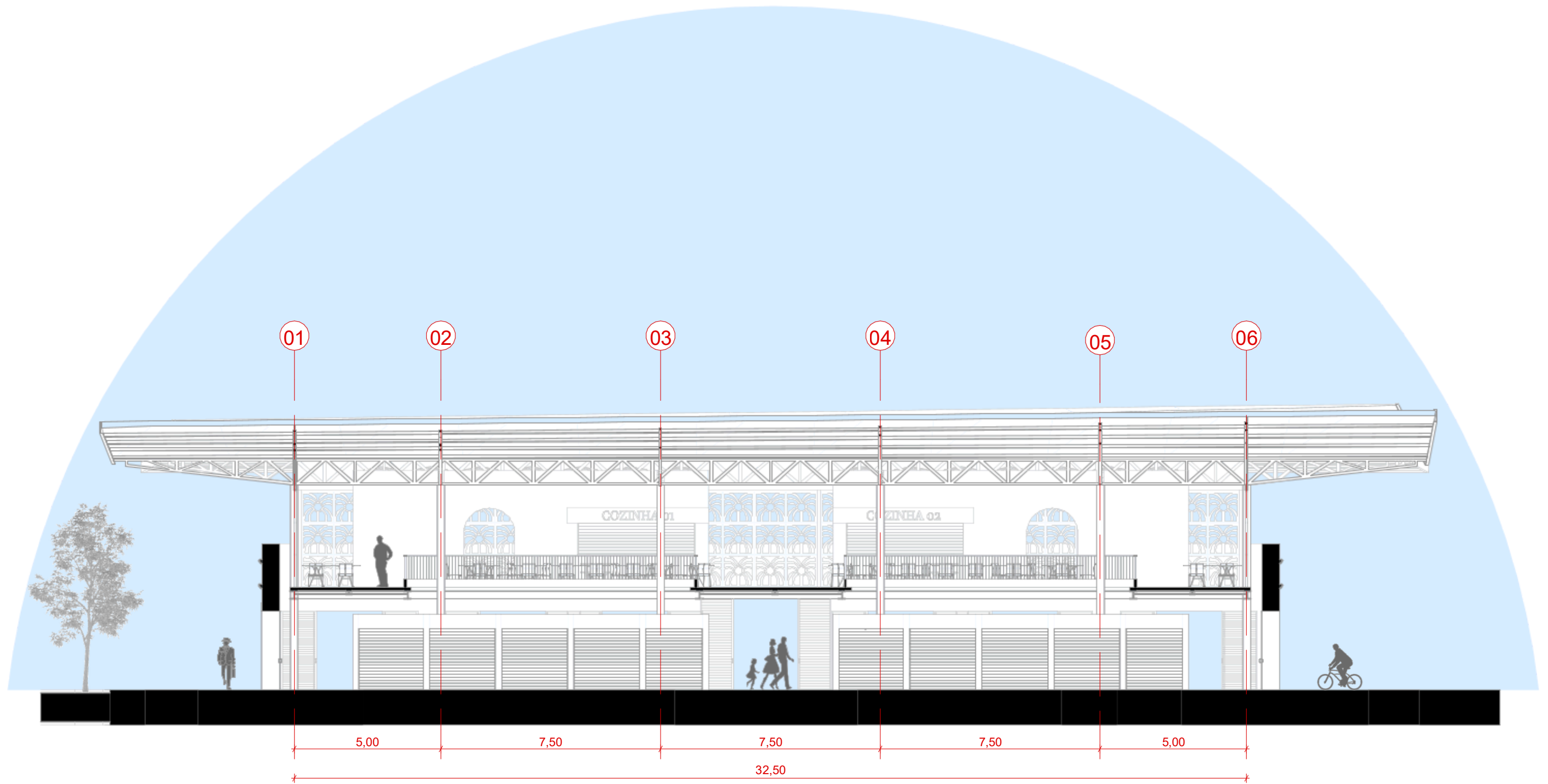


A drenagem das águas pluviais captadas pela cobertura é feita pelas calhas implantadas nos encontros das águas. Por conta da volumetria foram necessários a quantidade de 6 calhas, sendo estas implantadas alinhadas com os pilares, que tem formato em I, e servem com pontos de locação dos canos de descida, onde os mesmo ficam acoplados nas reentrâncias do formato do pilar.

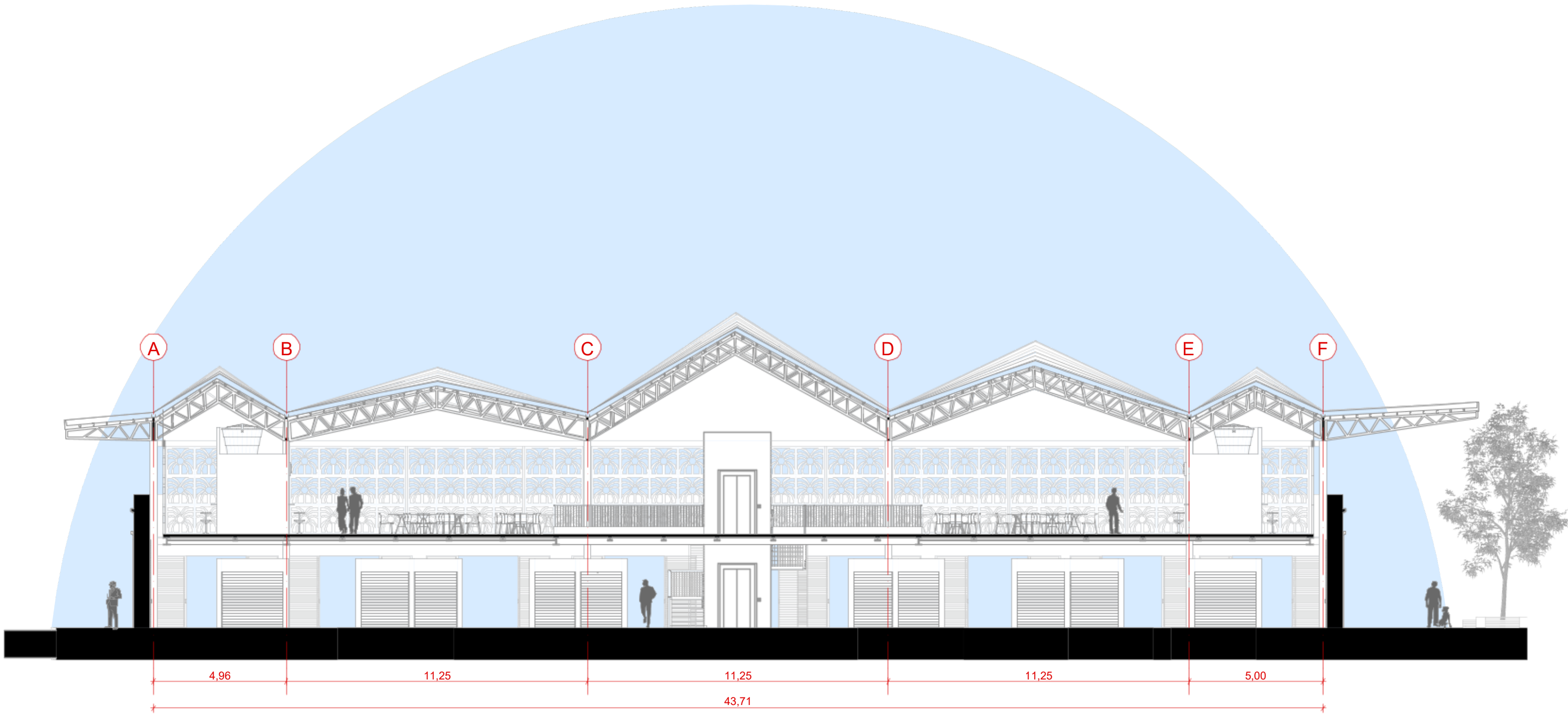
No outro extremo, quando chega no solo, estes tubos de quedas se encontram nas tubulações no subsolo do edifício, onde a água captada é direcionada para a drenagem da rua. Estes encontros são marcados pela presença das caixas de inspeção, dentro e fora do edifício.



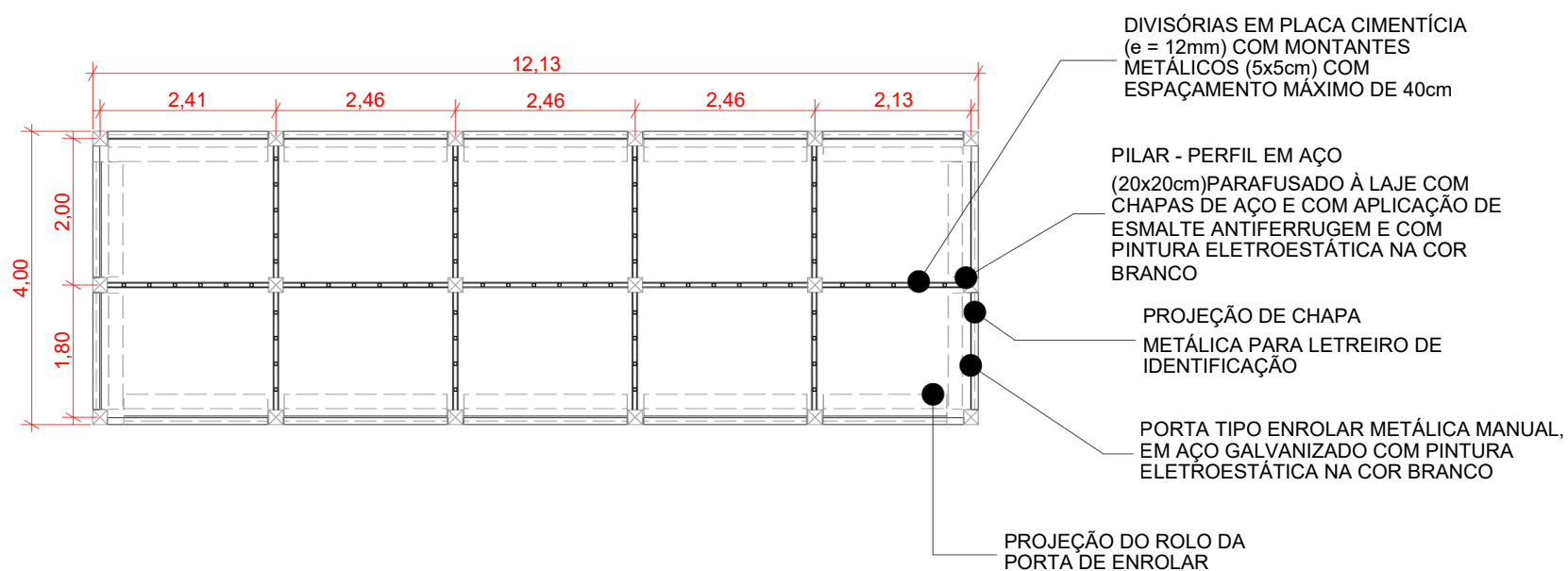
CORTE AA



CORTE BB



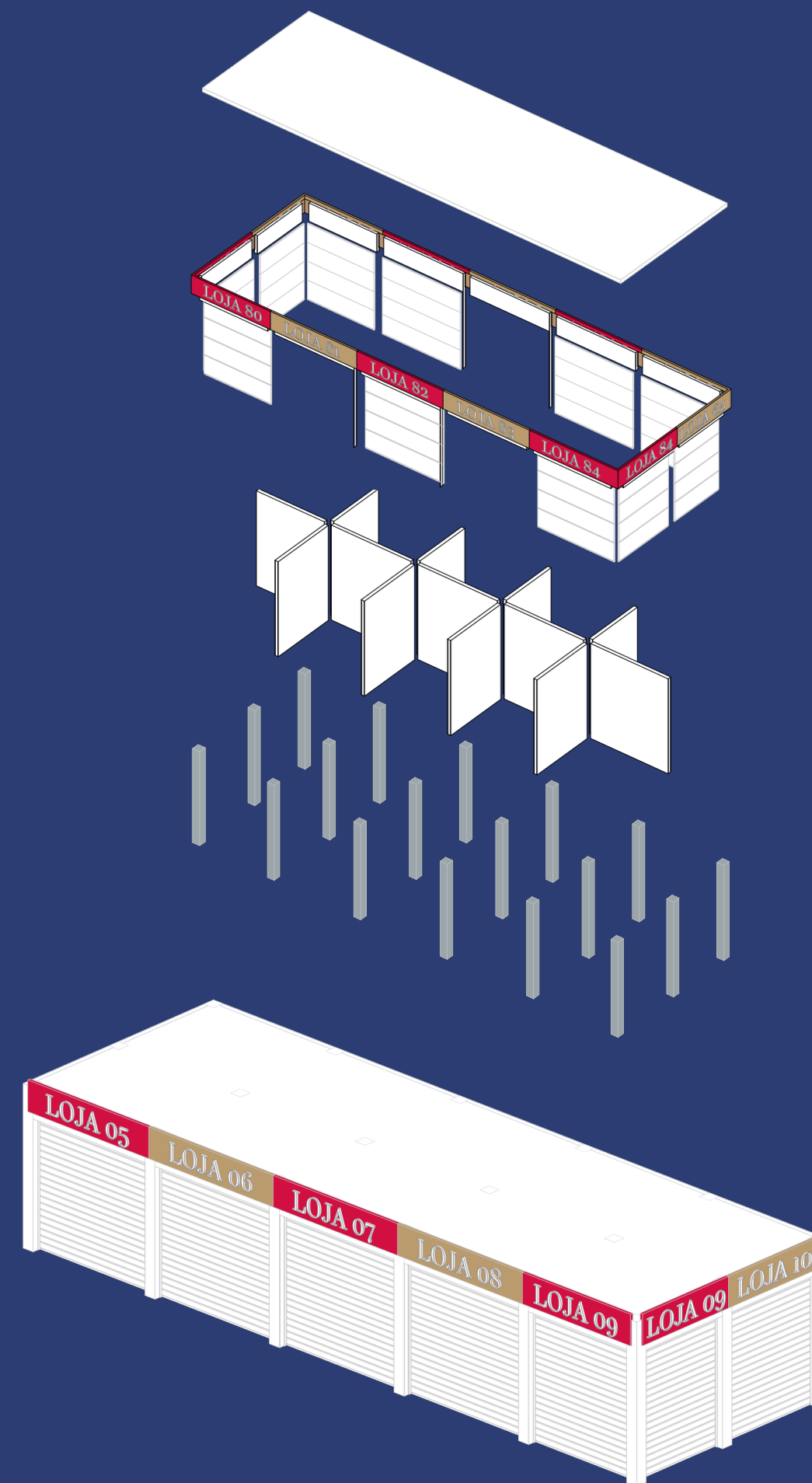
DETALHES BOXES



Os boxes tem uma estrutura independente do resto do mercado, tornando possível a flexibilidade da parte interna do mercado. Os boxes são agregado formando um bloco de 12m X 4m, num conjunto de 10 boxes. São distribuídos 8 blocos distribuídos no espaço do térreo, com uma circulação de 2,5m entre eles.

A estrutura é feita por pilares de aço 20 X 20 cm, que são parafusadas no piso de concreto, com pintura eletrostática na cor branco. A divisórias internas são de placas cimentícia de 12mm, com montantes metálicos, dando uma liberdade na junção de diferentes boxes, caso necessário. O fechamento é feito com uma porta de enrolar metálica, na cor branco. Na parte superior fica instalada a placa de identificação do numero da loja e seu nome.

A laje de cobertura do bloco é de placa cimentícia e é sustentada por vigas de aço, apoiadas no pilares de 20 X 20cm. O pé direito dos boxes é de 2,50m, o que permite a criação desafogado entre sua cobertura e a laje steel deck do primeiro pavimento.





PRAÇA LATERAL

B

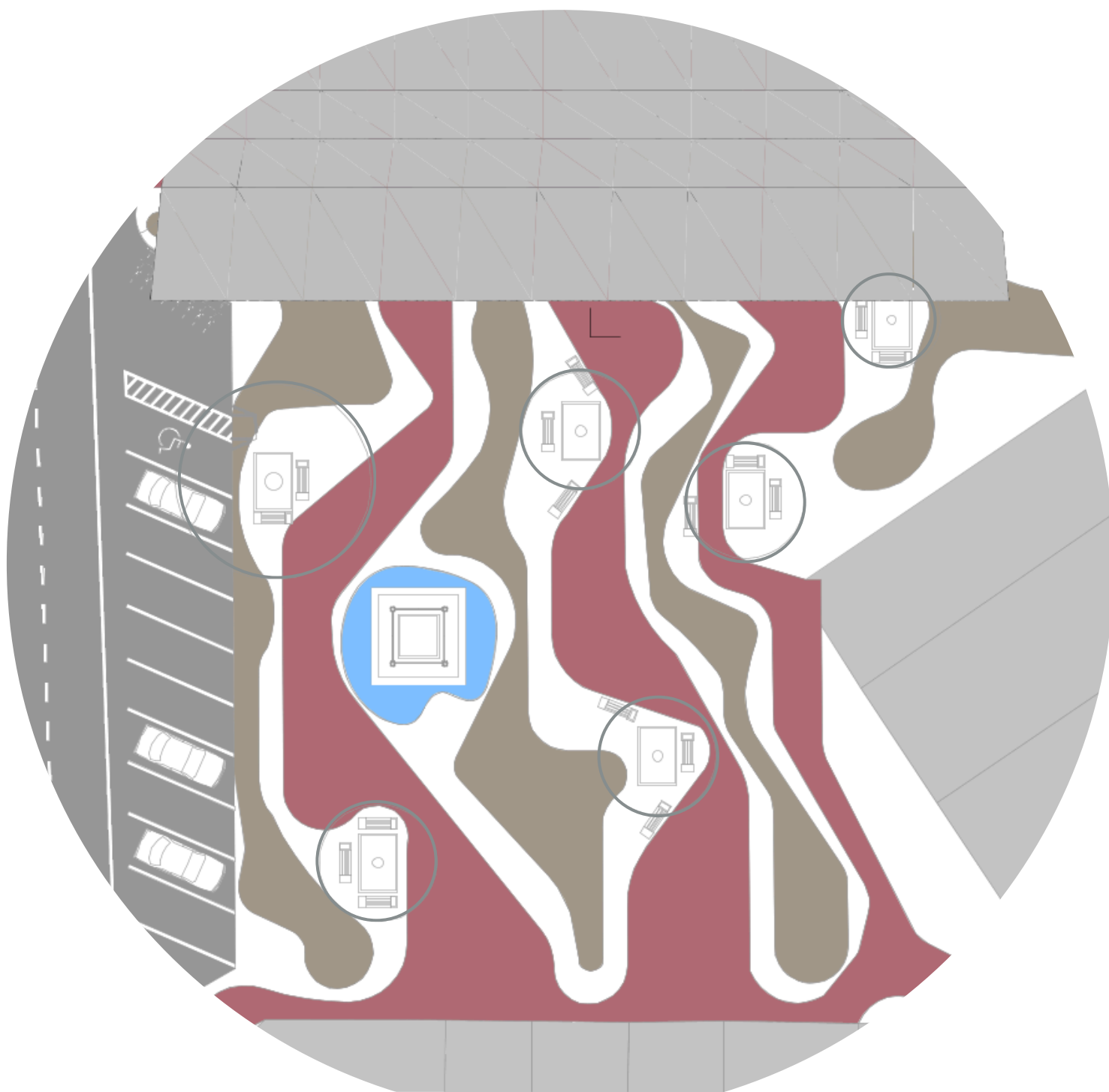
A

A

B

PRAÇA DA COLUNA DA HORA

PRAÇA DA COLUNA DA HORA

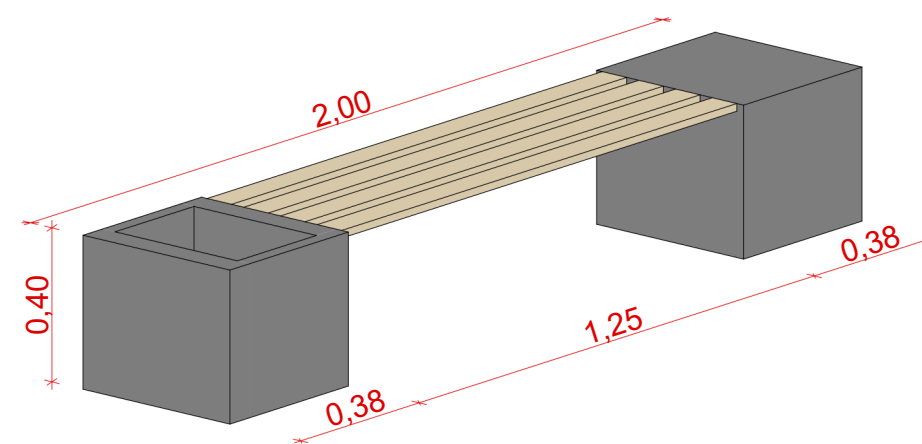


A praça da coluna da hora fica em contato direto com as entradas sul do mercado. A praça é extremamente movimentada por dar acesso as diversas lojas que se abrem para a praça, além da ligação direta com a praça da matriz, feita pela travessa Lucas Carneiro, que também é marcado pela presença de diversos comércios.

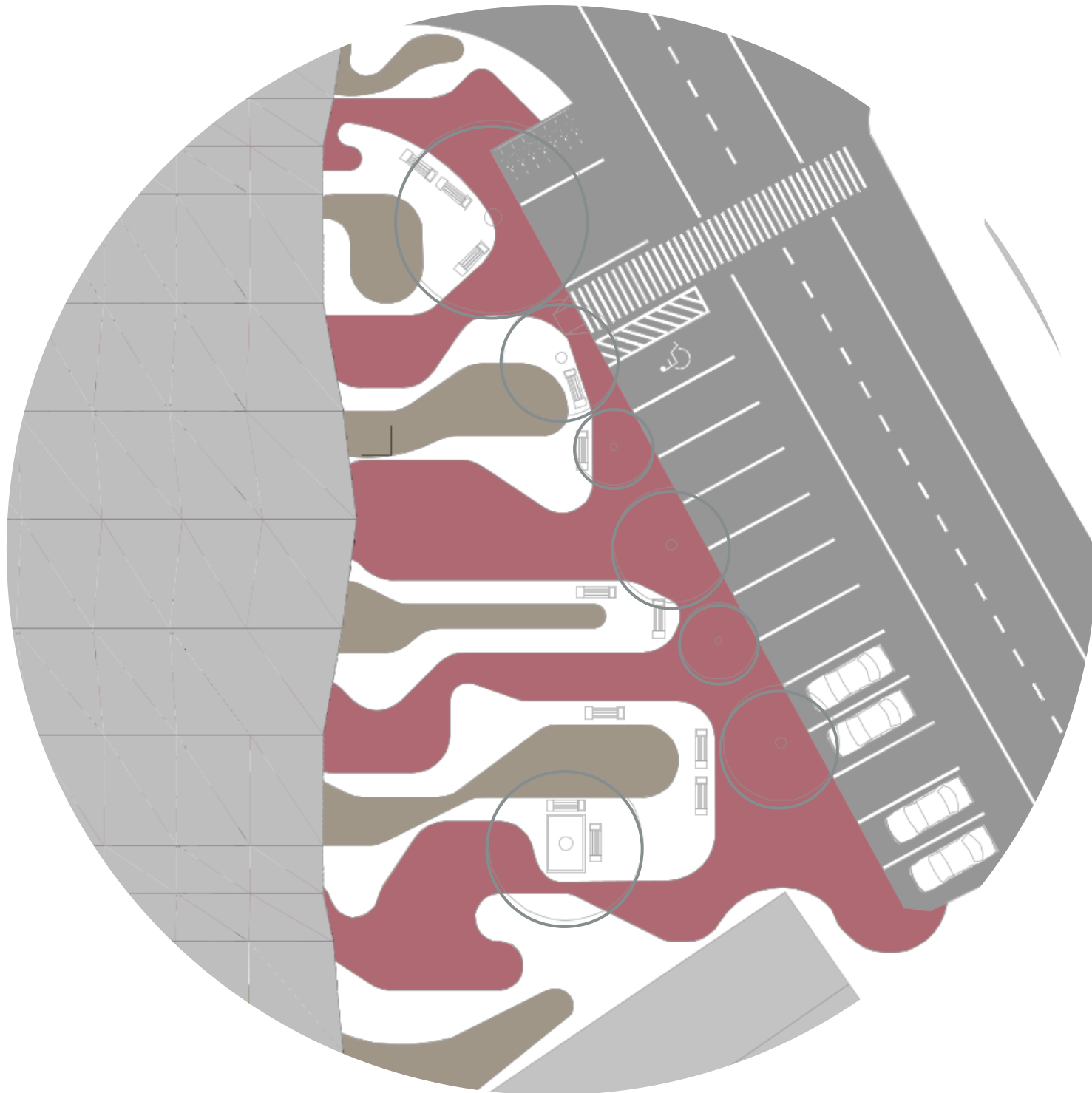
A coluna da hora, com seu relógio, é explícito como sendo o ponto central da área de praça, por conta disso, foi implantado um espelho d'água a circundando, demarcando a sua importância e delimitando seu acesso direto.

O desenho de piso foi feito seguindo um padrão quadricular de 1,25m X 1,25m, permitindo seu desenho orgânico, com suas variações de retas e curvas concordantes. As cores foram definidas seguindo uma hierarquia de importância dos acessos, sendo o **vermelho** principais rotas pensadas, ligando as portas centrais do mercado com as portas das lojas e com a travessa. O **marrom** define as rotas para as portas que não estão ligas no piso vermelho com as áreas de permanência da praça. O piso branco estão locadas as áreas de mobiliário urbano como os bancos, a iluminação e a vegetação.

Foram criados canteiros delimitando as áreas de vegetação e ao seu redor estão presente diversos bancos, criando espaços de permanências protegidos da luz solar direta pelas copas das árvores.



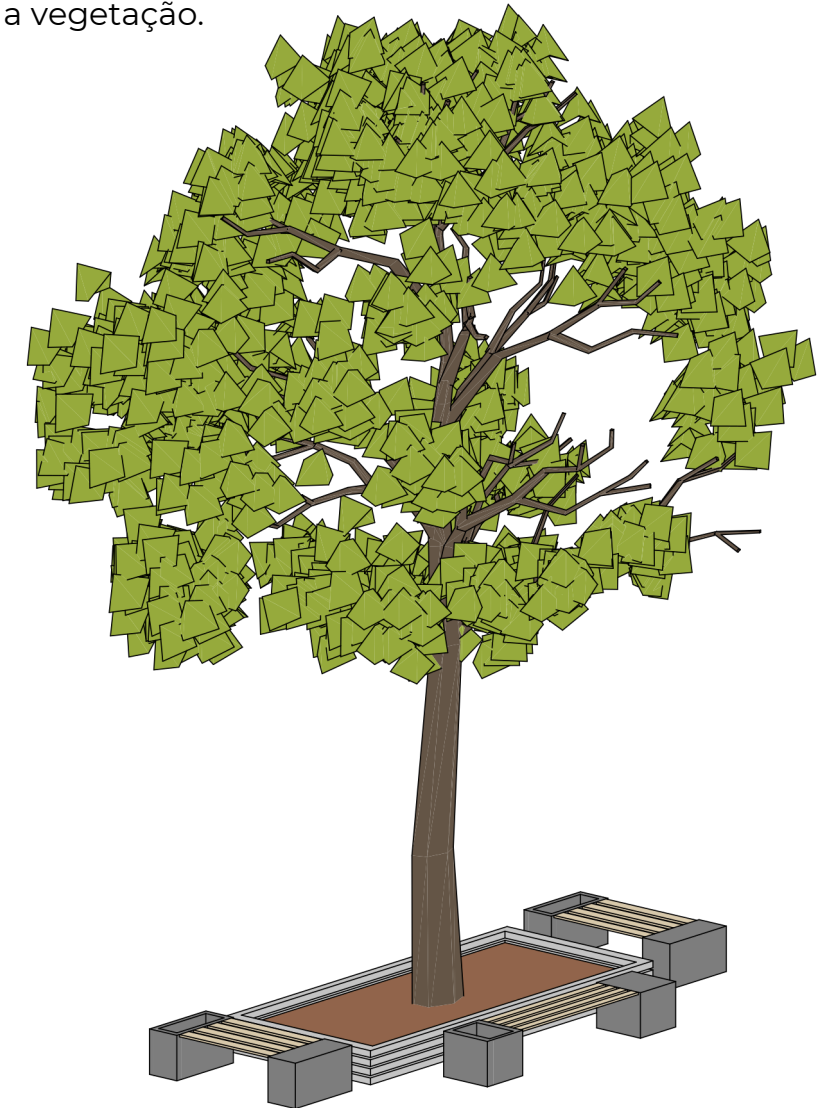
PRAÇA LATERAL



A segunda praça fica na fachada leste do mercado, tendo a irradiação direta de raios solares na parte da manhã, mas sendo protegido quase totalmente pela fileira de árvores.

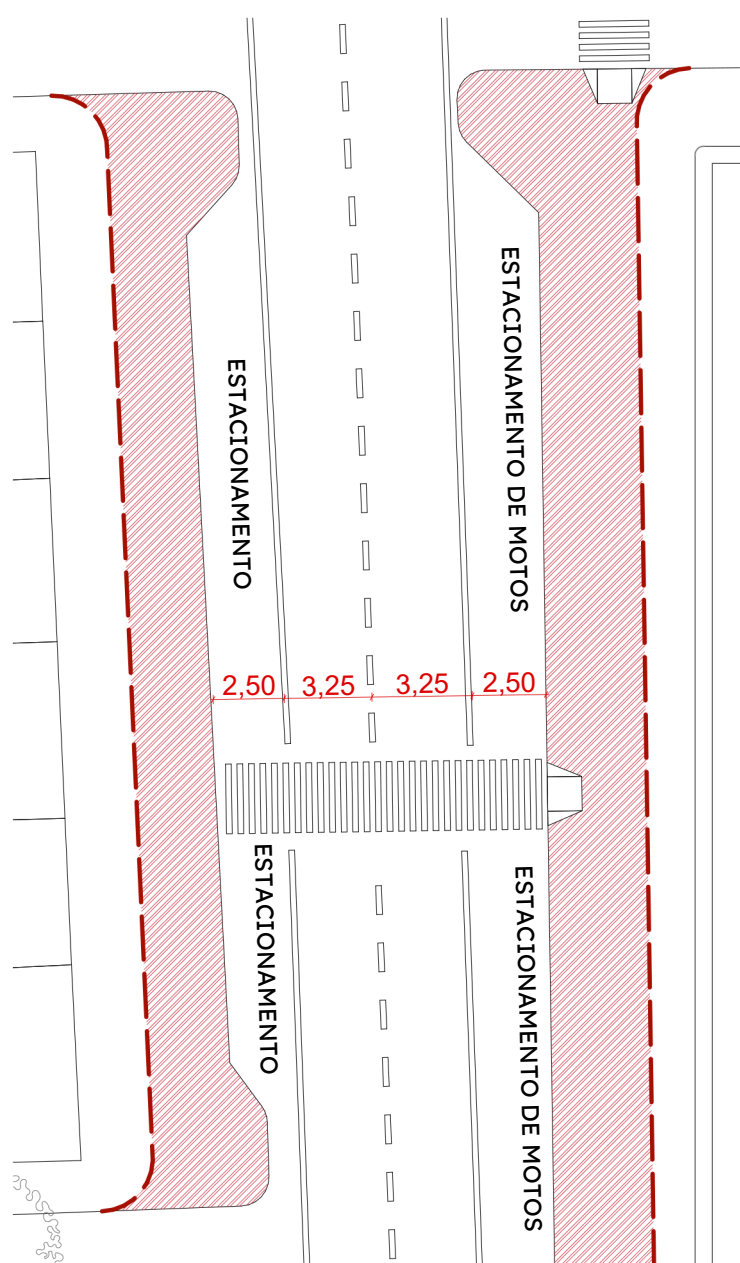
O desenho de piso segue o mesmo padrão da outra praça, com as cores foram definidas seguindo uma hierarquia de importância dos acessos, sendo o **vermelho** principais rotas pensadas, ligando as portas centrais do mercado com as portas. O **marrom** define as rotas para as portas que não estão ligas no piso vermelho com as áreas de permanência da praça. O piso branco estão locadas as áreas de mobiliário urbano como os bancos, a iluminação e a vegetação.

Esse espaço foi pensado com uma maior liberdade de espaço, sem tanto a presença de vegetação e mobiliário, por conta de sua área ser inferior a praça da coluna da hora, tornando-a mais versátil, sendo possível a realização de eventos públicos envolvendo o mercado, de maneira que não seja necessário ser no seu interior.



DESENHO URBANO

A respeito ao desenho urbano a diretriz seguida foi a priorização do pedestre, por meio do alargamento das calçadas presentes nas quadras em torno do mercado. Foi direcionado a exclusividade do estacionamento pelo alto número de automóveis desse tipo na cidade. E a presença de faixas de pedestre interligando as quadras.











LOJA 54



LOJA 36

LOJA 57

LOJA 38

LOJA 39

LOJA 40

LOJA 50

LOJA 51

LOJA 52

LOJA 53



LOJA 02

LOJA 03

09

LOJA 04

LOJA 05

LOJA 06

LOJA 07

LOJA 08

LOJA 09

LOJA 10

LOJA



LOJA 25

LOJA 26

LOJA 27

LOJA 28

LOJA 29

LOJA 29

LOJA 40







COZINHA 03

70 TOTA at
COTA



COZINHA 04

DESFECHO

O presente trabalho foi desenvolvido com o objetivo principal a revitalização do Mercado de Confeção e Economia Criativa de Limoeiro do Norte, e também, promover a funcionalidade e a valorização cultural do espaço analisado. Durante o desenvolvimento do projeto, buscou-se integrar elementos da arquitetura contemporânea à identidade histórica e cultural da cidade, de modo a assegurar um ambiente acessível, sustentável e funcional.

Os resultados obtidos demonstram que a proposta de reforma não se limita à melhoria da infraestrutura do mercado, mas também contribui para o fortalecimento da economia local e para a preservação das tradições culturais da cidade. Ao considerar os aspectos construtivos, históricos e socioculturais, o projeto configura-se como uma estratégia capaz de impulsionar o desenvolvimento econômico e turístico da região, fortalecendo a identidade local e incentivando o uso sustentável do espaço público.

Dessa forma, espera-se que este trabalho, ao apresentar soluções técnica e culturalmente adequadas, possa servir como referência para futuras intervenções de revitalização de espaços públicos em municípios interioranos. A implementação das propostas apresentadas tem potencial para gerar impactos positivos e significativos na qualidade de vida da população local, contribuindo para o desenvolvimento social e econômico sustentável da região.

BIBLIOGRAFIA

AQUIRAZ CEARÁ. Mercado da Carne (atual Mercado das Artes). Disponível em: <https://aquirazceara.webnode.com.br/album/galeria-de-fotos-aquiraz-ceara/mercadoda-carne-atual-mercado-das-artes-aquiraz-jpg/>. Acesso em: 12 jan. 2025.

BEZERRA, Antônio. **Algumas origens do Ceará**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1918.

CHOYA, Françoise. A alegoria do patrimônio. 3. ed. São Paulo: Editora Unesp, 1925.

DUARTE, Romeu. **Arquitetura colonial cearense: meio-ambiente, projeto e memória**. Revista CPC, São Paulo, n. 7, 2009.

DANIELLI, Leonardo; MACKMILLAN, Vanderli Machado. **Mercado público: tipologias e sociabilidades do ambiente urbano**. Londrina: I Simpósio Nacional de Geografia e Gestão Territorial, 2018.

FARIAS, Alex da Silva. **Patrimônio e práticas culturais no “Mercado velho” de Aracati**. Fortaleza; XV Encontro Estadual de História de Ceará, 2016.

HOTMART. **Fatos e rastros da história de Limoeiro do Norte: os inventários post mortem (1873 a 1884)**. Disponível em: <https://hotmart.com/pt-br/marketplace/produtos/fatos-e-rastros-da-historia-de-limoeiro-do-norte-os-inventarios-post-mortem-1873-a-1884/D82444931N>. Acesso em: 10 mai. 2025.

IBGE. **Panorama cidades: Limoeiro do Norte**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/limoeiro-do-norte/historico>. Acesso em: 15 abri. 2025.

ICÓ CEARÁ BLOG. **Icó-CE Mercado Público**. Disponível em: <https://icoce.blogspot.com/2013/04/ico-ce-mercado-publico.html>

LIRA, Flaviana Barreto. Gestão e prática de obras de conservação e restauro do patrimônio cultural: Módulo I – Teoria da Restauração I. Aula 01. Centro de estudos avançados da conservação integrada, 2016.

LOPES, Ricardo Ferreira. **Considerações sobre os mercados públicos: relação de sociabilidade e vitalidade urbana nas cidades**. Rio de Janeiro: III Colóquio (inter) nacional, 2010.

Mercado de Santa Caterina. Architectura Viva. Disponível em: <https://arquitecturaviva.com/obras/mercado-de-santa-caterina>. Acesso em: 01 jun. 2025.

Mercado estação báltica – Koko Architects. ArchDaily Brasil. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/884786/mercado-estacao-baltica-koko-architects>. Acesso em: 29 jun. 2025.

Mercado municipal de São Paulo. Disponível em: <https://www.mercadomunicipal.sp.com/>. Acesso em: 30 mai. 2025.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MURILHA, Douglas; SALGADO, Ivone. **A arquitetura dos mercados públicos: tipos, modelos e referências projetuais**. Vitruvius, 2011. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.138/4113>. Acesso em: 30 abri. 2025.

Museu Rodin Bahia – Brasil Arquitetura. ArchDaily Brasil. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/910445/museu-rodin-bahia-brasil-arquitetura>. Acesso em: 27 abri. 2025.

PREFEITURA DE LIMOEIRO DO NORTE. **Dados do município: História**. Disponível em: <https://www.limoeirodonorte.ce.gov.br/omunicipio.php>. Acesso em: 10 de abri. 2025.

Reges, Luciana M. Gomes. **(Sobre)viver no Sertão: um estudo acerca das configurações sócio patrimoniais de Limoeiro/CE (1850-1884)**. Fortaleza, 2014.

SOUZA, Euzebio de. **Albúm do Jaguaribe**. Fortaleza, 1922.

Teatro Erotídes de Campos – Engenho Central. ArchDaily Brasil. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-78395/teatro-erotides-de-campos-engenho-central-brasil-arquitetura>. Acesso em: 05 jul. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Dados e informações do Vale do Jaguaribe**. Disponível em: <https://fastef.ufc.br/wp-content/uploads/2018/07/Dados-Informacoes-Vale-do-Jaguribe.pdf>. Acesso em: 05 mai. 2025.

**Entre memória e modernidade: A intervenção no
Mercado Público de Limoeiro do Norte**

Elane Cavalcante da Silva

Orientador

Prof. Dr. Renan Cid Varela Leite

arquitetura e urbanismo
universidade federal do ceará
fortaleza, ceará

2026